

GÊNIUS

O RELÓCIO DO TEMPO



VICTOR SCOFIELD

Victor Scofield

Gênios

O relógio do tempo



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Passo Fundo
2012

Victor Scofield

Gênus

O relógio do tempo

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book

Todos os direitos reservados ao Autor.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Capa: Victor Scofield

Revisado pelo Autor em: 31/07/2012

S421g Scofield, Victor

Gênio [recurso eletrônico] : o relógio do tempo /
Victor Scofield. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,
2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-32-5

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ficção científica. I. Título.

CDU: 869.0(81)-3

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

AGRADECIMENTOS	9
APRESENTAÇÃO	11
CAPITULO I	13
CAPITULO II	21
CAPITULO III	25
CAPITULO IV	36
CAPITULO V	42
CAPITULO VI	46
CAPITULO VII	50
CAPITULO VIII	54
CAPITULO IX	60
CAPITULO X	66
CAPITULO XI	70
CAPITULO XII	74
CAPITULO XIII	78
CAPITULO XV	91
CAPITULO XVI	98
CAPITULO XVII	104
CAPITULO XVIII	112
CAPITULO XIX	123
CAPITULO XX	131
CAPITULO XXI	135
FINAL EXTRA	145

AGRADECIMENTOS

Primeiramente acima de tudo que há, sou muito grato a DEUS por ter me protegido, ter me dado tudo o que tenho, principalmente minha família e ter sido sempre comigo, apesar de minhas atitudes imperfeitas. Sou muito grato por minha família ter sempre me apoiado e me ajudado quando sempre precisei. E sou grato a esse projeto, que me deu a oportunidade de publicar a minha obra não tendo eu condições financeiras. Tudo isso tem sido a mão e a misericórdia de DEUS na minha vida.

APRESENTAÇÃO

Uma vez que, na primeira história foi descrito – seja diretamente, ou indiretamente através do romance – que a obra *Gênios* é uma série ficcional de vários livros, não há necessidade de explanarmos mais essa questão. Se você leu a primeira obra, ou seja, o livro *Gênios Origem*, então não terá problemas em captar alguns detalhes neste segundo livro e assimilar com o primeiro. Porém... Se esse é o primeiro livro da série que você irá ler, e sendo assim, não leu o primeiro da mesma em questão, então você terá alguns problemas em decifrar certas passagens e certos eventos descritos na história. Apesar de que de certa forma cada título tenha sua própria autonomia, juntamente com uma parte da história, ainda sim, todos estão e estarão interligados na escrita. Então, se você não leu o primeiro livro da série, aconselho-lhe a fazer isso para então dar continuidade a sua leitura a este. Você verá que assim, um se conectará ao outro.



CAPITULO I

A escuridão havia tomado à estrada, chovia muito forte e o carro tinha muita dificuldade para se manter dentro da pista. Enquanto o motorista lutava para conduzir o veículo, ele olhou para o lado e disse ao garoto que cochilava no banco do passageiro:

– Eric acorde!

Abrindo os olhos lentamente, Eric Bruce acordou um pouco atordoado, ele virou a cabeça perguntando:

– O que houve pai? Está tudo bem?

– Não filho, não está. Você sabe muito bem o que vai acontecer comigo.

Olhando meio assustado com o que acabara de ouvir, Eric perguntou:

– Do que você está falando pai?

– Preste atenção Eric... O passado não deve ser alterado, você me entendeu?

– Como assim pai? Do que é que o senhor está falando?

– Não volte para impedir o que já foi traçado.

– Não voltar, como assim não voltar, voltar pra onde? Ainda não estou entendendo.

– Não volte meu filho, por favor, não volte para me salvar. Mudar o passado pode ser perigoso.

O carro começava a perder o controle. O veículo desgovernou. Entrando na pista contrária os dois olharam para frente e viram que duas luzes brancas redondas se aproximavam. Eric olhou assustado para seu pai e viu que algo estava errado.

Seus olhos começaram a encher de lágrimas e seu pai olhou dizendo:

– Não volte Eric! Não volte! Eu amo você.

– Eu também amo você papai, mas eu não estou entendendo.

– Não volte!

Ouvindo um barulho alto de buzina Eric olhou rapidamente para frente e viu tudo clarear.

Eric acordou gritando aos quatro cantos de seu quarto:

– Nãããoooo...!

Abrindo rapidamente a porta, sua mãe entrou e correu para abraçá-lo perguntando suavemente:

– O que foi meu filho? Teve outro pesadelo?

Eric ofegante respondeu:

– Sim! Só que esse foi o mais terrível pesadelo que já tive. Ele estava lá mãe, eu vi! Ele estava lá e eu não pude fazer nada.

– Quem estava lá meu filho?

– O papai estava lá. Estava escuro, não dava para ver muita coisa, e então vieram duas luzes brancas, e acho que era um caminhão não sei, chocou-se contra nós e aí eu não vi mais nada.

– Oh filho! Você sonhou com o acidente do seu pai. Mas já passou meu anjo, já passou.

– Ele disse pra eu não voltar, eu não entendi nada. Ele disse que não se deve mudar o passado porque é perigoso. Estou tão confuso.

– Já passou meu filho, já passou. Foi apenas um sonho.

– Mas parecia muito real.

– Eu sei. Bom, mas aproveite que você acordou e que aquilo foi apenas um sonho. Levante-se e vá se preparar para a escola.

– Tem razão mãe, vou fazer isso.

Levantando-se um pouco aturdido com o sonho que teve, Eric calçou seus chinelos e foi caminhando em direção do banheiro. Seguindo atrás de si, sua mãe disse acariciando seus ombros:

– Vou preparar seu almoço querido.

Eric foi para o banheiro e sua mãe desceu as escadas.

Olhando para o espelho Eric começou a ter suas linhas de raciocínio, trabalhando seu cérebro para mais um dia. O que de fato agora ele fazia todas as manhãs que acordava. Afinal, ele era um garoto genial e sabia que sempre haveria complicações. E que sempre estaria pronto para resolvê-las. Pois, já fazia seis meses que ele resolveu o caso da quadrilha de ladrões que desaparecia com os carros nos estacionamentos grandes. Um caso resolvido em dois dias, com muitas complicações é claro, mas nada que Eric Bruce não pudesse solucioná-las.

Mas, após ter tido aquele sonho, Eric começou a formular muitas perguntas em seu cérebro. Eric pensava consigo mesmo: *“Por que tive aquele sonho depois de tanto tempo? O que ele quis dizer com ‘não volte, o futuro não deve ser alterado’? Por quê?”*. Perguntas que vinham incessantemente na mente de Eric. Mas, que de certo modo, ele estava tentando evitá-las. Eric faria qualquer coisa para não se lembrar do acidente de carro do seu pai. Queria esquecer-se daquele fato. Era torturador demais. Eric não pensou mais naquilo.



Eric perdeu seu pai quando tinha cinco anos de idade. O que Eric sabia, e apenas se lembrava, como uma rápida visão, era que seu pai viajava a negócios para uma cidade do interior, enquanto ele brincava com seus andróides de brinquedo na companhia de sua mãe em casa. Eric gostava quando seu pai viajava, pois ele sabia que seu pai sempre trazia um presente do lugar em que estivera. Isso, até ter recebido a triste notícia, em uma véspera de inverno. O seu pai havia sofrido um acidente grave com uma carreta. No primeiro momento, Eric não se deu conta do que significava a palavra “acidente”, pois, era muito pequeno para assimilar certas coisas. É como se naquele momento essa palavra não existisse em sua consciência. Mas, a ficha caiu logo mais tarde, dois meses depois, percebendo a forte ausência de seu pai. Chorou por muitos dias, sua mãe fazia de tudo para consolá-lo, mas até ela desabava a chorar junto do filho. Levaram mais de dois anos para acostumar-se com tal ausência. Depois disso, Eric nunca mais quis lembrar-se do fato.

Mas, passado é passado. O importante agora era vivenciar o presente rumo para o futuro. E como Eric já sabia no momento presente, um futuro cheio de complicações. A qual ele gostava de resolver com maior gosto.

Pegando seu engenhoso relógio holográfico, com um raios-X poderoso embutido na configuração, Eric ia em direção das escadas vestindo um camisa xadrez preta com listras brancas aberta, por cima de uma camiseta branca, pronto para mais um dia de aulas no colégio Latércio Montes. Eric agora se vestia assim, quase que todos os dias. Eric adotou seu próprio estilo, camisa xadrez aberta por cima de uma camiseta e calça jeans. Esse agora, definitivamente, era ele. Sem esquecer-se de mencionar que Eric gostava de seus cabelos arrepiados de corte militar, mas num estilo estético social. Assim, olhando para sua mãe com seu leve sorriso, despediu-se afetuosamente e ela o mesmo. Deixou sua casa em poucos instantes e foi rumo a caminho do colégio.

Chegando ao colégio, como sempre, Eric encontrara-se com Jorge na entrada. Jorge meio desanimado disse a Eric:

– E aí Eric, como você tá?

– Eu estou bem Jorge. – respondeu Eric com seu semblante sério de sempre. – Mas percebo que você não.

– Acertou em cheio amigão. Estamos perto das férias de dezembro e eu nem sei se vou passar de ano tranquilo. Estou apavorado, por dentro é claro.

– Acalme-se Jorge, a última prova é amanhã, e suas notas estão ótimas.

– É... Mas, e se eu for mal nessa e daí ser reprovado por pouca diferença?

– Ainda sim você iria passar. Pois, o conselho de professores aprovaria você na reunião de avaliação de comportamento.

Jorge pensou um pouco no que Eric disse e depois falou meio aliviado:

– Puxa é mesmo... Você tem razão. Estou me preocupando à toa.

– Mas não cometa o erro de não estudar para a prova só por causa disso, compreendeu?

– Não, claro que não, que isso.

– Bom.

– E você amigão? Está trabalhando em algum projeto novo? Talvez uma máquina de fazer dinheiro, hãhã?

Mais uma vez, uma voz sarcástica respondeu atrás dos dois:

– Você não é o Jorge Gates, hãhã? O homem tão rico que não precisa de dinheiro?

Jorge revirando os olhos para cima virou-se e respondeu:

– Juliana vê se, se enxerga. O dinheiro não é para mim, ééé... Para o Eric é claro. É para ele ajudar a mãe dele a pagar as contas, né?

Eric olhou Jorge balançando a cabeça, indignado com tamanha desculpa absurda.

O sinal finalmente tocou.

Eric olhou para seu relógio e viu que o sinal tocara dois minutos mais cedo. Para qualquer ser humano comum isso não faria a menor diferença. Mas para Eric Bruce a coisa era totalmente diferente. Dois minutos poderia significar alguma coisa, mesmo um atraso, ou adiantamento, sendo pequeno.

Indo em direção da sala, Eric e seus amigos sentiram alguém ofegante chegar atrás deles dizendo:

– Ufa! Consegui chegar a tempo.

Eric com seu semblante sério perguntou sem olhar para trás:

– Por que se atrasou hoje Marcos? Você praticamente nunca se atrasa.

– Ah! É que eu tive que ir à locadora antes devolver um filme lançamento que aluguei.

Jorge curioso perguntou entusiasmado:

– E que filme era?

– A fenda do tempo dimensional.

– Nossa, eu sempre quis ver esse filme! Como é, me conta?

Enquanto os quatro iam em direção da sala de aula, Marcos ia narrando toda história baseada no filme. E obviamente Eric já havia assistido. Nenhum filme de ficção científica passava despercebido por Eric. Nenhum. O filme era baseado na história de um homem, que por acidente, entrou numa fenda do espaço-tempo, sem perceber, voltando para o passado. E que obviamente no final do filme ele consegue voltar para o futuro passando pela mesma fenda. Tudo muito previsível, mas muito interessante para quem gosta de ação e principalmente ficção científica.

Antes de entrar na sala, Jorge perguntou para todos com um sorriso na cara:

– Não seria demais viajar no tempo? Voltar para o passado, ir para o futuro... Imaginem só. Não é verdade?

“Viajar no tempo. Por que não?” Pensou Eric. *“Poderia ter meu pai de volta se eu o impedisse de viajar no dia do acidente”*. A lembrança de ter sonhado com aviso de seu pai não lhe ocorreu naquele momento. A ideia já havia o cegado completamente. É como se seu cérebro tivesse deletado tal fator. Pois a ideia naquele momento era realmente tentadora, muito tentadora.

CAPITULO II

Depois da aula, Eric e seus amigos caminhavam em direção da saída. Não dando muita atenção a conversa de seus amigos, Eric ficava absorto em seus pensamentos. Não tirava a ideia da cabeça de viajar no tempo para o passado com o intuito de salvar seu pai do acidente. Em sua mente, Eric já ia projetando uma forma de fazê-lo. Primeiro: construir uma máquina do tempo. Segundo: voltar para o passado equipado para qualquer situação inesperada. Terceiro: ninguém, nem sua mãe, poderiam saber do projeto. Quarto: localizar seu pai e avisá-lo. Quinto: o detalhe mais importante, a máquina do tempo não podia ser grande, não podia ser algo que chamasse atenção, tinha que ser algo pequeno e prático de ser carregado. E por último, voltar para o futuro preparado para explicações e surpresas. Tudo estava sendo esquematizado na mente de Eric, nada poderia sair errado.

Juliana com uma cara meio emburrada disse:

– Ei, Eric seu bobo! Acabei de falar com você.

Eric com expressão de quem estivera voltado do mundo da lua, olhou com seu olhar sério e pensativo perguntando:

– Desculpe. O que disse?

– Eu perguntei por que você está tão pensativo hoje?

– Nada de especial.

– Eu quero saber.

Naquele momento Eric novamente percebeu algo diferente em Juliana. Ela olhava-o com um semblante que Eric calculava ser algo que ele temia um dia acontecer. Eric sentia que aquilo pudesse ser paixão, mas não queria ter certeza. Para contornar a situação, imperceptivelmente, Eric disse:

– Estou refletindo na avaliação de amanhã.

– Ah! Sei... – disse Juliana entreabrindo um pouco a boca e desviando lentamente o olhar.

Jorge e Marcos olharam-se dando de ombros não entendendo nada daquilo que estavam ouvindo.

Após ter se separado de seus amigos, Eric chegou em casa ansioso para começar o seu projeto. Cumprimentou rapidamente sua mãe e subiu direto para o seu quarto sem hesitar. Verificando se sua mãe não estava por perto, Eric entrou em seu quarto trancando a porta. Encostou a mão rapidamente no interruptor e ligou a luz. Jogou a mochila em cima da cama e foi direto procurar seu caderno de desenhos. Pegou o primeiro lápis que encontrou, sentou-se na frente da sua mesa de computador, apoiou-se, e começou a rabiscar. Com outra folha de papel ele fazia os cálculos matemáticos de medidas, energia, programação, peças e tudo que seria usado para construir seu projeto. Tudo estava sendo minuciosamente calculado e nada podia ser errado.

Depois de muito tempo trancafiado em seu quarto, Eric ouviu sua mãe bater na porta. De imediato, Eric parou de fazer o que estava fazendo e ficou olhando para a porta atrás de si.

– Filho, o que você está fazendo aí dentro tanto tempo? Seu jantar está pronto há horas. Abra a porta, por favor.

Eric escondeu rapidamente a folha de cálculos. Mesmo que sua mãe não entendesse nada de matemática, mecânica e física quântica, Eric não quis se arriscar. Levantou-se rapidamente da cadeira para abrir a porta e não percebeu que deixou em cima da mesa o desenho do projeto. Abrindo a porta Eric falou com tom de contorno de situação, o que ele sabia fazer muito bem:

– Desculpe mãe, estava estudando. Já vou descer.

Desconfiada de algo, sua mãe entrou no quarto e foi olhar em cima da mesa do computador para confirmar para si própria de que Eric dizia a verdade. Pegando um dos papéis que estava em cima da mesa ela perguntou:

– Estava mesmo estudando?

– Sim mãe, por quê?

– Porque pra mim isso está parecendo um desenho de seu relógio.

Com seu semblante sério e pensativo Eric mais uma vez, com uma rapidez incrível de raciocínio, respondeu prontamente contornando a situação imperceptivelmente:

– É um trabalho para a disciplina de artes mãe. – terminando com um leve sorriso.

– E você demorou tanto assim para fazer um desenho desses?

– Para quem quer ser recompensado com uma nota máxima, a pressa perde o significado. Não há motivos, ou causa, para o desenho ser imperfeito.

Olhando de volta para o desenho, ela disse com um sorriso:

– Está bem querido. Você está certo.

Eric sentiu-se aliviado por dentro. Ele não queria que sua mãe soubesse de nada que ele inventasse. Sua mãe sabia que ele era um gênio agora, mas não sabia que seu filho era genial ao ponto de criar e construir dispositivos de quaisquer tipos de utilidades. E de grandes complexidades. Do tipo que leva anos e anos de pesquisas em laboratórios secretos, bem orçamentados, de departamentos secretos, pagos pelo governo em sua maioria.

Departamentos iguais à área 51, se é que existe mesmo tal departamento secreto naquele ponto do mapa.

– Então já que terminou... Terminou né?

Calmamente Eric respondeu:

– Sim mãe. Terminei.

– Então desça para jantar.

– Agora mesmo. – respondeu Eric com um sorriso.

Eric saboreara rápido seu jantar. Agradeceu a sua mãe e voltou a subir as escadas para o seu quarto. Ele queria começar a construir seu projeto o mais rápido possível, não que isso fosse uma emergência obviamente, mas queria começar logo, pois estava ansioso.

Eric decidira que não ia colocar o projeto na configuração do relógio holográfico, iria fazer isso em outro relógio que ele tinha. Um relógio digital que sua mãe lhe dera quando fez seu aniversário de doze anos, e que nunca usara porque era um relógio caro, sofisticado, que deixaria qualquer um com ciúme; e era seu relógio favorito. Mas antes de Eric pega-lo para começar, ele tinha que resolver um pequeno problema. Desenvolver uma bateria para o relógio que tivesse energia suficiente para abastecer duas cidades inteiras por vinte anos. A energia necessária para fazer três viagens apenas. E tudo isso teria de caber dentro de uma bateria do tamanho de um feijão. Mas, apenas outra complicação que Eric teria de resolver. Afinal, ele era Eric Bruce, o garoto gênio. Capaz de desenvolver qualquer coisa com sua sabedoria. A sabedoria que ele prometera para ele mesmo que usaria apenas para o bem.

Pegando outra vez lápis e papel, Eric começou a calcular as equações diferenciais de física e mecânica quântica, tudo baseado em teorias de livros e grandes cientistas da história. As

equações que permitiriam ele desenvolver uma bateria pequena, mas de grande porte de energia.

CAPITULO III

No dia seguinte, a mãe de Eric entrou no quarto e encontrou-o dormindo sentado na cadeira, debruçado sobre a mesa do computador, em cima de vários papéis. Ela olhou do lado do braço esquerdo de Eric e viu o relógio que dera a ele no aniversário de doze anos. Estava em cima de um livro de física quântica que Eric havia comprado alguns dias atrás. Ela começou a pensar quanto tempo se passou e como seu filho havia crescido rápido. O tempo passava rápido. E se lembrava do fato de que nunca tinha visto Eric usar aquele relógio. Mas, ela sabia que Eric nunca o havia usado pelo fato de que ele gostou tanto do modelo, que se pudesse colocaria o relógio em um cofre muito poderoso.

Cutucando o ombro de Eric ela disse:

– Acorde Eric. Acorde, está quase na hora de você ir para o colégio.

Abrindo lentamente os olhos, Eric acordou e disse com a voz um pouco rouca:

– Que horas são?

– Onze da manhã querido. Prepare-se e desça para almoçar.

– Certo.

Fechando com força e abrindo rapidamente os olhos Eric levantou-se da cadeira em que dormira e foi se preparar.

Ao voltar para o quarto e pegar seu relógio holográfico, Eric olhou para o outro relógio em cima do livro de física quântica. Com seu leve sorriso teve o seguinte pensamento: *“O relógio está pronto. Só falta inserir a bateria nuclear.”* A bateria nuclear do relógio não foi desenvolvida com núcleos, ou melhor dizendo, pastilhas de urânio ou plutônio. Até porque, Eric não possuía recursos financeiros para comprá-los e mantê-los em contenção adequada. Com muitos cálculos complexos e muita teoria estudada, ele introduziu núcleos de átomos mais simples em uma bateria comum. Mas, com a mesma instabilidade nuclear que o urânio ou plutônio. Uma instabilidade que Eric mesmo teve de criar com algumas fórmulas e reações químicas. Tudo feito na noite anterior. Eric possuía tubos de ensaio e equipamentos químicos guardados em uma caixa dentro do seu guarda roupa. Sendo que, sem nenhuma dificuldade, fez rapidamente as reações que necessitava sem sujar nenhum centímetro de seu quarto. E obviamente após ter terminado, guardou novamente o equipamento onde estava. Tudo isso usando alguns produtos simples que havia em casa. Alvejante, shampoo, alguns pedaços de sabonete, refrigerante, soda cáustica e os compostos químicos de uma pilha velha já usada. Tudo no meio da noite enquanto sua mãe dormia.

Eric já havia desenvolvido e construído a configuração do relógio antes de ter iniciado as reações químicas para a nova bateria. Tudo foi feito em poucas horas, sem barulho, sem sujeira, do jeito que Eric queria.

Após ter descido as escadas, Eric despediu-se de sua mãe e foi em direção da porta da sala.

Se afastando de sua casa Eric voltou a ter seu semblante sério e pensativo. Estava preparando seu cérebro para mais um dia, e para a avaliação de fim de ano que teria. E já havia decidido que ao chegar em casa depois da aula, iria viajar no tempo. E sozinho.

Ao se aproximar mais uma vez da entrada do colégio Latércio Montes, Eric se encontrou com Jorge. Nervoso, Jorge disse a Eric com a voz um pouco tremula:

- Olá Eric! É... Estou com muito medo da prova de hoje.
- Eu percebi. Você está bastante nervoso.
- Sabe como é... Eu odeio provas finais, me deixam encabulado.
- Não se preocupe Jorge, meu caro. Vai dar tudo certo.
- Eu espero que sim. E você? Como está hoje?
- Melhor impossível.
- O que você fará durante as férias?
- Vou viajar.
- Ah, que legal! E pra onde vai?
- Pra bem longe. Isso você pode ter certeza.

Enquanto Eric e Jorge conversavam sobre as férias, Marcos e Juliana chegaram cumprimentando-os. O sinal tocou e os quatro foram em direção da sala de aula para fazerem a última avaliação do ano. E ansiosos para começarem logo as férias.

Depois de uma duração de duas horas e meia, o sinal tocou e as portas das salas foram abertas liberando um enxame de

jovens apressados que não aguentavam mais estar dentro daquele lugar. Finalmente as férias de fim de ano se tornaram realidade para todos no colégio. O momento mais esperado do ano chegara, agora era pra valer.

Enquanto Eric e seus amigos iam em direção da saída do colégio, Jorge começou a falar animado:

– Até que a prova não estava tão difícil assim. Acho que fui muito bem.

Eric, Juliana e Marcos concordaram. E com seu semblante sério de sempre, Eric disse:

– Eu disse que você se sairia bem Jorge. Não tinha com que se preocupar.

– Bom, só sei que agora eu quero desfrutar da liberdade. – disse Jorge com um enorme sorriso no rosto.

Após cinco minutos de caminhada, os quatro se separaram e foram em direção de suas casas. Eric começou apertar o passo, queria chegar logo em casa. O momento de Eric viajar no tempo para salvar seu pai estava próximo.

Enquanto caminhava, Eric começou a refletir sobre o sonho que teve na noite do dia anterior. Começava a lembrar do que seu pai lhe havia dito no sonho. E começou achar muito estranho o fato de ele ter sonhado com um aviso daqueles: *“Não volte para me salvar”*. Como seu subconsciente sabia que ele viajaria no tempo? Eric não quis pensar muito no assunto naquele momento. Com aviso ou sem, ele voltaria para o passado; seu subconsciente querendo ou não. Eric faria tudo para ter o seu pai de volta. Custasse o que custasse.

Eric entrou em casa e animado cumprimentou sua mãe. Ela levantou uma das sobrancelhas desconfiada e perguntou:

– Qual motivo de tanta animação? Posso saber?

Eric com seu leve sorriso respondeu:

– Digamos que eu vou rever uma pessoa muito querida.

– E quem é essa pessoa?

– Você irá descobrir, sem saber que vai descobrir.

– Hãhã? Você está se sentindo bem querido?

– Com certeza!

– Eu hein! Não demore em vir jantar...

– Não se preocupe, estarei aqui em cinco minutos.

– Tá bem então. – terminou a mãe de Eric com um sorriso.

Eric subiu apressadamente as escadas e foi direto para o seu quarto. Depois de entrar no quarto, encostou a porta e ligou a luz. Virou-se e olhou para o relógio em cima do livro de física quântica, assim como ele o havia deixado. Estava lá, esperando para ser carregado com a bateria nuclear e começar a funcionar. Eric caminhou lentamente até ele. Pegou uma pequena caixinha que estava do lado do relógio e abriu-a pegando a minúscula, mas poderosa bateria. Olhou-a por um instante contemplando-a, vendo que ali estava uma obra de arte, uma obra prima. Eric pegou o relógio e uma pequena chave Philips adaptada para parafusar ou desparafusar minúsculos parafusos. Desparafusou os quatro parafusos de trás do relógio e retirou a fina tampa. Pegou a bateria e inseriu-a no relógio. Tampou e parafusou novamente aqueles minúsculos parafusos. Largou a chave em cima da mesa do computador e virou o relógio de frente para si. Os números digitais estavam contando as horas, como qualquer outro relógio. Eric o colocou no seu pulso direito e começou ajustá-lo. Acertou a hora, configurou a data e programou o calendário espaço-tempo. Pronto, o relógio do tempo estava funcionando.

Era 19h30min, o momento chegara. Eric começou a ajustar o relógio para voltar exatamente dia 25 de julho, de 2000. Dois dias antes de seu pai sofrer o acidente de carro. A data em que ele ainda tinha cinco anos.

Após ajustar o relógio, Eric pegou sua mochila, esvaziou-a, e começou a enchê-la das coisas que ele ia necessitar na viagem. Colocou seu outro relógio; alguns artefatos de higiene pessoal; um de seus livros de física quântica; óculos escuros; Algumas ferramentas para os relógios, caso eles quebrassem ou dessem defeito; todo o dinheiro de sua mesada que somava mais ou menos uns seiscentos reais e algumas roupas de inverno e verão. Fechou a mochila e colocou-a nas costas. Olhou ao redor para se certificar de que não esquecia nada, e assim viu que não havia se esquecido de nada. Respirou fundo, fechou os olhos, e no momento em que ia apertar o botão lateral do relógio para iniciar a viagem ele ouviu:

– Eric! Eric!

Com um leve susto ele abriu os olhos e respondeu:

– O que foi mãe?

– Jorge está aqui em baixo e quer falar com você.

Eric suspirou e disse alto:

– Mandê ele subir, por favor!

– Está bem querido.

Enquanto esperava, Eric começou a pensar no fato que tudo poderia correr por água abaixo se Jorge o visse da maneira que estava. Iria fazer muitas perguntas e provavelmente não seguraria a língua para contar para sua mãe. Jorge não era do tipo de pessoa que guardava segredo fácil. Antes que Eric tirasse a

mochila e escondesse o relógio Jorge já estava dentro do quarto. E esse com uma cara desconfiada, perguntou:

– E aí Eric? O que você pensa que está fazendo? Vai fugir de casa?

Com seu semblante sério Eric respondeu:

– Não Jorge. Não vou fugir de casa.

– E porque está com essa mochila nas costas?

– É complicado.

– Olha Eric, eu prometo que não conto pra ninguém. Diz o que é que você está tramando.

– Não prometa o que não pode cumprir.

– Cara sua mãe não merece isso!

– Eu já disse que não vou fugir de casa Jorge.

– Então o que?

Jorge olhou para o pulso de Eric e perguntou:

– Cara, que relógio demais! Nossa, é o relógio mais legal que eu vi na vida. Espera... – Jorge fez uma pausa, pensou e depois acrescentou: – Isso tudo tem a ver com esse relógio aí, certo?

Eric suspirou outra vez e disse:

– Se eu lhe disser, você fica de bico fechado?

– Sim... Eu fico.

– Está bem. Tem sim a ver com tudo isso.

– É um de seus novos projetos né?

– Sim. É uma máquina do tempo. Para ser mais preciso, um relógio do tempo.

– Minha nossa! Fala sério? Que demais!

– Mas é segredo, compreendeu?

– Só vai ser segredo se me levar junto.

Surpreso com a resposta de Jorge, Eric disse:

– Como é? Eu não posso levá-lo junto Jorge.

– E porque não?

– Porque eu só voltar no tempo para salvar meu pai do acidente de carro que ele sofreu quando eu era criança.

– Eu posso ajudar Eric. Deixa-me ir com você e ajudá-lo, por favor, cara.

Eric pensou um pouco. Quebrando o silêncio respondeu:

– Está bem. Mas só se você me prometer que não vai contar a ninguém sobre esse fato.

– Que fato?

– Está bem então. Fique do meu lado.

Jorge não hesitou em obedecer Eric.

– Respire fundo e feche os olhos. – disse Eric.

E assim os dois fizeram. Quando Eric encostou o dedo no botão, eles sentiram alguém entrar no quarto dizendo:

– Olá meninos!

Os dois abriram os olhos assustados. Eric contraindo um pouco os olhos, perguntou pasmado ao homem de capote e gravata que se encontrava a sua frente:

– Hector? O que está fazendo aqui?

– Eu é que pergunto. O que vocês dois pensam que estão fazendo um do lado do outro com os olhos fechados? E porque você está com essa mochila nas costas?

Eric suspirando mais uma vez não hesitou em dizer:

– Hoje eu estou premiado. Já observei que não tenho escolha.

Eric começou a relatar tudo ao detetive Hector.

Meio incrédulo com o que acabara de ouvir, Hector disse um pouco animado:

– Uau! Que história!

Eric com seu semblante sério disse:

– Presumo que queira ir também?

– Só se você quiser.

– Porque veio aqui detetive Hector? – perguntou Jorge.

– Eu ia levar Eric para jantar fora. Sinto muito ter interrompido. Eu não sabia que vocês iam viajar no tempo. – disse Hector com uma leve risada.

Eric pensou um pouco e percebeu que o detetive Hector poderia ser bastante útil na viagem. Não demorando em dizer, Eric falou:

– Venha detetive Hector. Você pode vir com a gente.

– É sério?

– Sim. É sério. Venha.

– Tudo bem então. Vamos lá.

– Só me prometa que não vai contar a ninguém na delegacia e muito menos para minha mãe.

– Combinado. Não se preocupe com isso.

– Tudo bem então. Vamos lá. Aproximem-se mais.

Os três ficaram o mais perto possível um do outro.

– Agora respirem fundo e fechem os olhos.

E assim os três fizeram. Eric novamente encostou o dedo no botão do relógio e disse:

– Preparem-se. Aí vamos nós.

Então ele apertou o botão.

Barulhos de raios ecoaram no quarto, mas eles não sentiram nada, nenhum tipo de choque. No segundo seguinte foram arremessados contra o chão.



CAPITULO IV

Hector rapidamente acordou com uma leve dor de cabeça, olhou ao redor e viu que estavam no meio da rua. Levantou-se rapidamente e viu os meninos deitados no chão também acordando meio atordoados. Hector olhou para frente e viu que um carro estava vindo em alta velocidade, ele pegou os meninos pelos colarinhos e os arremessou na calçada saindo rapidamente do meio da rua sentido o carro passar velozmente atrás de si trazendo uma corrente forte de ar que soprou em suas costas.

Após Eric ter se recuperado da queda, levantou-se e olhou em volta. Jorge também se levantou um pouco tonto ainda. Hector olhou novamente em volta e logo viu que se encontravam na frente da casa de Eric. Confuso ele disse:

– Acho que seu relógio não funcionou direito Eric. Estamos na frente de sua casa, e que na qual deveríamos estar dentro dela.

Jorge vendo o mesmo que Hector concordou dizendo:

– É Eric. Devíamos estar dentro da sua casa, pois a gente só ia voltar no tempo e não pular pra fora da sua casa. Isso tinha que ser igual ao filme “A Máquina do Tempo”. O cara viaja no tempo, mas não sai do lugar. Era o que deveria ter acontecido com a gente.

Hector acrescentando, disse:

– E pelo visto nem voltamos. Porque sua casa continua parecendo a mesma.

Mas Eric com seu leve sorriso respondeu calmamente:

– Não. O relógio funcionou perfeitamente. A única coisa que difere meu relógio da máquina do filme, é que ele transfere os

passageiros para cinco metros longe do local de partida. Desenvolvi-o assim com o propósito de não haver confronto espaço temporal. Por exemplo: eu encontrar comigo mesmo onze anos atrás. Que é o tempo que estamos agora. E a propósito detetive Hector, se não reparou, seu carro não está mais ali.

Hector olhou para os dois lados da rua procurando o carro e logo concordou:

– Puxa! É verdade... Como foi que não percebi isso antes?

Eric respondeu:

– Isso é irrelevante. O que importa é que temos de achar um lugar para ficar hoje. E conseqüentemente nas nossas casas que não poderá ser. Vamos ter que alugar um quarto em algum hotel aqui próximo. Não podemos ficar mais aqui. Meu pai chega em casa nessa época daqui exatamente duas horas. Nosso trabalho começa amanhã.

– Certo. Mas, só uma coisa... – Hector fez uma breve pausa e retomou com uma pergunta. – Como sabe que seu pai vai chegar daqui duas horas?

Eric com seu semblante sério, respondeu:

– Porque ele é meu pai, ele sempre chegava à mesma hora em casa.

Hector um pouco envergonhado, disse:

– Claro. Pergunta idiota minha. Desculpe.

– Tudo bem, estou ciente de que vocês dois estão entusiasmados com essa viagem temporal. Assim como eu também estou um pouco.

Jorge um pouco confuso perguntou:

– Mas minha mãe não vai ficar preocupada no futuro se eu não voltar hoje?

Eric não perdendo tempo respondeu com seu semblante sério:

– Não se preocupe Jorge. Quando voltarmos, nós vamos voltar no mesmo dia, hora, minuto e segundo que nós viemos para cá do futuro. Até porque, agora, você está dormindo em casa. Hoje, agora é o ontem. – terminou com seu leve sorriso novamente.

Jorge concordou. E os três saíram caminhando para o lado esquerdo da rua indo em direção do primeiro hotel que eles encontrassem.

Enquanto caminhavam a procura de um hotel, Hector olhou para o relógio em seu pulso e perguntou um pouco desorientado:

– Meu relógio parou. Por quê?

Jorge concordando disse:

– É o meu também parou.

Eric não demorou a dar a resposta:

– Por causa dos raios de transferência temporal. No momento em que ativei o relógio, um campo de P.E.M. foi liberado; mas não forte o bastante para sair do meu quarto e atingir o bairro ou a cidade; isso ocorreu apenas a nossa volta dentro do quarto. Então obviamente seus relógios pararam. Terão de trocar as baterias.

– Mas porque só o seu não parou? – perguntou Hector.

– Eu pensei em tudo detetive Hector. O relógio também foi desenvolvido com resistência ao seu próprio e outros campos de P.E.M.

Jorge com uma pequena careta, perguntou quase gaguejando:

– É... Sei... Hã... Que eu passei de ano e agora vou fazer o ensino médio, mas... O que é um P.E.M.?

Hector e Eric olharam incrédulos para Jorge. Jorge deu de ombros com um sorriso sem graça. Eric respondeu:

– P.E.M. é uma sigla Jorge. Significa “Pulso Eletro Magnético”. O pulso que pode desativar qualquer aparelho eletrônico.

– Ah! Bom... Faz sentido né. – disse Jorge compreendendo tudo.

Aproveitando o curso da conversa Hector perguntou querendo se atualizar:

– Que horas é exatamente agora Eric?

– 20h45min. Precisamos achar um hotel logo, não podemos perder tempo. A carga da bateria desse relógio só sustenta mais duas viagens, não podemos ficar desperdiçando. Leva muito tempo para construir outra.

– Essa bateria tem quanto tempo de duração de energia? – perguntou Hector.

– Aproximadamente oitenta anos. – respondeu Eric.

Hector e Jorge assobiaram. Hector disse:

– Uau! Da para alimentar duas cidades com essa energia por muito tempo. E você conseguiu colocar toda essa energia aí dentro dessa bateriazinha do relógio?

– Certamente que sim, se não, não teríamos viajado no tempo.

– Mas como uma energia desse porte só torna possível, se eu não estiver errado, apenas três viagens?

– Porque uma viagem ocupa aproximadamente um valor consideravelmente muito grande. Um número que só poderia expressar no papel para vocês.

– Deve ser mesmo. – disse Hector levantando as sobrancelhas com um leve sorriso.

Após a última frase de Hector, os três ficaram num profundo silêncio enquanto caminhavam. Eric procurou ficar absorto em seus raciocínios lógicos para elaborar o plano que impediria seu pai de viajar e sofrer o acidente de carro. Jorge ficava batendo em seu relógio com a esperança de que ele voltasse a funcionar. Hector observava todos os lados da rua por questão de segurança, pois já era consideravelmente muito tarde e não era muito seguro ficar caminhando na rua àquela hora da noite. As ruas de São Paulo àquela hora da noite eram muito perigosas; a cidade de São Paulo é famosa por um desses motivos. Mas, como Hector era um policial, usava distintivo e uma arma P40, os meninos estavam em boas mãos.



CAPITULO V

Abrindo os olhos lentamente, Eric olhou para o relógio em seu pulso direito. Marcava 9h45min. Era hora de levantar e começar a trabalhar no plano para salvar o seu pai. Eric estava deitado em uma cama de solteiro em um quarto de hotel pequeno e simples por dentro. Do lado da cama onde estava havia mais duas, onde obviamente Jorge e Hector estavam roncando nelas. Ele levantou-se e foi até a janela. Abrindo a cortina que cobria a luz externa, viu que estava um belo dia lá fora.

Eric teve sorte de ter trazido Hector junto com ele na viagem temporal. Se não o tivesse feito, nunca teria conseguido uma autorização para dormir naquele hotel, pois, era proibido para menores de dezoito entrar lá desacompanhado. Felizmente Hector estava junto e eles puderam achar um lugar onde ficar.

Para despertar Jorge e Hector, Eric pegou um controle remoto que estava ao lado da cama onde dormira em cima de uma pequena cômoda e ligou a TV que ficava de frente para as camas. O som estava bem baixo. Passava um programa de culinária. Eric percebeu que a TV era a cabo. Então teve a ideia de procurar o canal de filmes de ação. Não demorou muito a encontrar. Estava passando um filme policial onde um tiroteio muito violento estava acontecendo. Antes que Eric levantasse o volume até o máximo ele foi até Hector e retirou a pistola do seu coldre. Afastou-se e com um leve sorriso aumentou o volume no máximo. Com um enorme susto, Jorge e Hector pularam da cama ao ouvirem os tiros que saíam do som da TV. Hector desnorteadado achando que tudo aquilo era real, encostou a mão no coldre para sacar a arma. E antes que ele percebesse que ela não estava lá, Eric falou ainda com o leve sorriso na cara:



– Não se esforce em procurá-la detetive. Você já morreu. – terminado em risos.

Hector olhou para Eric e depois para a TV e soltou uma leve risadinha dizendo:

– Eric seu danado, por que não nos acordou de um modo mais sutil? Acho que seria bem mais educado de sua parte.

Eric devolveu a arma ao detetive e disse ainda com seu leve sorriso:

– Desculpe, não pude evitar. Sempre quis fazer isso. Era uma ótima oportunidade.

Hector revidando a brincadeira de Eric, disse:

– É. Da próxima vez, vou esconder a arma em um lugar onde você não vai saber e quando fizer isso de novo, aí eu atiro em você. – terminou com um sorriso.

Jorge ainda estava um pouco atordoado com tudo aquilo, mas concordou com Hector. Eric riu e Hector também não se segurou.

Enquanto tomavam café no pequeno restaurante do hotel que ficava após uma porta ao lado da recepção, Eric descrevia o plano para impedir um fato da história de sua vida. O acidente de carro do seu pai.

Eric com seu semblante sério de sempre começou explicar:

– O primeiro objetivo dessa viagem, como eu já havia dito, é impedir que meu pai realize a viagem amanhã para o destino determinado de seu trabalho a negócios. Por isso voltamos dois dias antes do ocorrido do futuro de amanhã. Para que pudéssemos ter uma folga no tempo...

Antes que Eric continuasse sua descrição, Jorge disse:

– Eu sei que seu plano já deve estar bem armado, mas... Como você vai dizer ao seu pai para não viajar? Quero dizer... Você não vai chegar nele e dizer: Olá pai! Eu sou seu filho do futuro, vim aqui avisar você que você vai sofrer um acidente e vai morrer... Ou, qualquer coisa desse tipo. Vai?

Eric olhou com seu semblante sério para Jorge e respondeu:

– Agradeço sua observação Jorge. Mas não farei desse modo. Meus meios são muito melhores do que esse.

Hector só observava a conversa dos dois com a sobrancelha levantada e com cara de que não estava entendendo muita coisa.

Jorge olhando para um ponto qualquer do chão disse:

– Foi o que eu pensei.

Eric não perdendo mais tempo com bobagens, prosseguiu:

– O modo como será feito na verdade é muito simples. Vamos raptar o meu pai.

Hector um pouco incrédulo com a fala de Eric, perguntou:

– Como assim vamos raptar o seu pai? Está dizendo sobre um sequestro de verdade?

– Não. Não um sequestro real. Apenas levá-lo a um lugar mais discreto e assustá-lo.

– Assustar como Eric? – perguntou Jorge.

– Dizendo a ele para não realizar a viagem de amanhã. Fazer uma ameaça, falsa é claro, de que isso vai custar à vida dele se não obedecer.

Hector e Jorge ficaram em silêncio por alguns minutos. Eric quebrou o silêncio dizendo:

– Alguém tem alguma dúvida em relação a isso?

Hector respondeu:

– Eu tenho apenas uma.

– E qual é detetive? – perguntou Eric.

– Nós só estamos em três. Como vamos convencê-lo de que é mesmo um sequestro para um aviso de ameaça? Até porque, você e Jorge são jovens, não acho que ele vai acreditar em muita coisa do que fizemos.

– É por isso que você vai usar sua arma detetive.

Arregalando um pouco os olhos Hector disse:

– Eu o quê? Eric, isso pode ser perigoso.

– Não se fizemos da forma que eu planejei.

– Só espero que seja mesmo seguro. – disse Hector virando a cabeça para o lado.

– Quando eu planejei a prisão daquela quadrilha há seis meses, alguém se machucou? – perguntou Eric ainda sério.

– Não.

– Então não será diferente dessa vez.

– Se você está dizendo né... – disse Hector.

– Não se preocupe detetive, vai dar certo.

– Então tá. Qual é plano?

Então Eric começou a descrever o plano passo por passo.



CAPITULO VI

Era 11h00min. Hector estava terminando de encerrar a conta no hotel onde ele e os meninos dormiram, enquanto Eric e Jorge esperavam sentados nas cadeiras próximas ao hall de entrada. Enquanto Eric lia uma revista automobilística, Jorge batia em seu relógio de pulso ainda tendo a esperança de que ele voltasse a funcionar. Após alguns minutos, Hector se aproximou dos dois e falou:

– Pronto Eric. A conta do hotel está paga.

Eric fechando a revista e colocando-a sobre uma mesinha a sua frente respondeu:

– Ótimo. Não podemos mais perder tempo aqui. Precisamos chegar a minha casa nessa época antes de meu pai sair para o trabalho.

– E que horas ele sai? – perguntou Jorge.

– Como eu já disse no restaurante Jorge, ele sai ao meio dia.

– É que eu não prestei atenção na hora, estava com fome.

– Tudo bem Jorge. – disse Eric compreendendo.

– É a primeira vez que eu ouço dizer que uma empresa inicia seu funcionamento ao meio dia. – disse Hector.

– Na verdade a empresa inicia seu funcionamento 01h00min. Meu pai sempre gostou de sair uma hora mais cedo. – respondeu Eric pensativo.

– Compreendo. – disse Hector.

Eric se levantando da cadeira, disse:

– Vamos. Já ficamos tempo demais aqui. Precisamos ser rápidos.

Então Jorge também se levantou da cadeira e os três saíram do hotel rumo à casa de Eric.

No caminho Eric verificava o calendário temporal do relógio preparando-o para voltar para o futuro no mesmo ano, dia, hora, minuto e segundo do tempo em que eles voltaram para o passado. Quando então, um ciclista desatento e desastrado atropelou Eric por trás fazendo-o cair no chão com o corpo por cima do braço direito, o braço em que estava o relógio. Hector e Jorge rapidamente ajudaram Eric e o ciclista a se levantarem. O ciclista desconcertado com a situação, disse:

– Eu sinto muito garoto. Desculpe-me. Foi sem querer. Perdi o controle.

Eric limpando a manga, respondeu:

– Está tudo bem. Não foi nada. Acidentes acontecem.

– Espero que não tenha se machucado. Você se machucou?

– Não. Eu estou bem. Fique tranquilo, não foi nada.

O ciclista pegando a bicicleta do chão, disse:

– Mais uma vez mil desculpas. Tenham um bom dia.

Eric calmo, mas com seu semblante sério, respondeu:

– Um bom dia para você também.

Então o ciclista montou na bicicleta e saiu.

Hector colocando a mão no ombro de Eric, perguntou:

– Tem certeza de que não se machucou?

– Sim detetive Hector. Estou bem. Agradeço a preocupação.

Jorge olhando na direção que ciclista havia saído, disse:

– Nossa. Mas essa nunca mais hein? Que tombo.

Eric olhando para o relógio em seu pulso, disse:

– É. Ainda bem que o relógio continua inteiro. Fazer outro poderia levar muito tempo. E isso não seria uma boa coisa.

– Ainda bem mesmo. – disse Hector.

Eric terminou de fazer o que estava fazendo antes de ser atropelado pelo ciclista e falou:

– Bom, o relógio já está pronto para o deslocamento temporal. Assim que terminarmos de fazer o que viemos fazer aqui, nessa época, então retornemos para o futuro.

– Certo. – disse Hector.

Eric deu mais uma olhada no relógio e viu que estava tudo certo. Mas, ao abaixar o braço, Eric não percebeu que o relógio havia mudado a data do deslocamento temporal. E desse jeito ele ficou. Eric não voltou a olhá-lo mais. Continuou junto com Jorge e Hector a caminhada até sua casa.

CAPITULO VII

Era 11h45min. O céu estava claro e limpo. A rua de Eric estava calma naquele momento do passado. Quase sem nenhum movimento. Os três aguardavam a saída do pai de Eric. Hector e Jorge ficavam aguardando do lado esquerdo da rua a vinte metros da casa de Eric, caso o pai de Eric saísse com o carro pelo lado deles. E Eric do lado direito à mesma distância que Hector e Jorge. Eric havia planejado assim pelo fato de não se lembrar de que lado seu pai saía sempre para ir para o trabalho. Então, para que seu pai fosse interceptado com facilidade, os dois lados da rua teriam de ter alguém de prontidão para que o plano fosse executado com sucesso.

12h00min. O pai de Eric começa a sair com seu Monza azul marinho da garagem. Eric, Jorge e Hector se preparam para executar o plano. O carro terminou de dar a ré e começou a andar na direção de Eric. Ao sair da calçada, Eric parou no meio da rua com os braços abertos. O carro freou e homem que estava dentro dele, disse:

– Como é que é garoto? Vai sair da frente ou não vai? – terminando a fala com algumas buzinas.

O pai de Eric como pessoa, era pouca coisa mais alto que Eric e era um homem calmo e passivo. Menos naquele momento é claro. Estava usando camisa xadrez e calça jeans.

Hector parou do lado do carro e colocou a arma na cabeça do motorista dizendo:

– Cale a boca e coloque as mãos no volante. Não se mexa.

O motorista logo obedeceu. Eric, Jorge e Hector entraram no carro. Hector sentou no banco de passageiro da frente e os

garotos no de trás. Hector ainda apontando a arma para a cabeça do motorista, disse:

– Dirija.

E logo o carro começou a andar. O motorista assustado e horrorizado com a situação, disse:

– Olha... Se for o dinheiro que vocês querem, eu darei a vocês só, por favor, peço que não me machuquem. Eu tenho família. Tenho um filhinho de cinco anos.

Hector olhou para Eric. Eric fez um sinal de prossiga. Então Hector falou:

– Não é o seu dinheiro que queremos. Só queremos apenas conversar. Avisar-lhe de algo.

O motorista ainda assustado com a situação, perguntou:

– Que aviso vocês querem me dar? Vocês...

Antes que o motorista terminasse a última pergunta, Eric falou:

– Você só irá saber se ficar calado e dirigir para onde nós mandarmos.

Hector acrescentando, disse:

– Você entendeu? Se ficar caladinho, vai ficar tudo bem.

– Sim, senhor. O que vocês quiserem.

– Ótimo. – disse Hector ainda apontando a arma para a cabeça do motorista, o pai de Eric.

Enquanto o pai de Eric dirigia o carro, Hector ia instruindo o caminho que deveria ser feito. E o pai de Eric obedecia sem nenhuma objeção. Afinal, estava apavorado com tal acontecimento. O medo havia tomado conta de si.

Após quase quarenta minutos de viagem, eles já estavam mais ou menos a uns dez quilômetros longe da grande capital São Paulo, no meio de uma estrada muito pouco movimentada. Eric fez um sinal para Hector mandar o motorista parar o carro ali mesmo onde estavam. Hector acenou com a cabeça e voltou a olhar o motorista dizendo:

– Muito bem. Pare o carro aqui.

O motorista apenas virando os olhos para Hector, perguntou:

– Mas, estamos no meio do nada. Tem certeza de que temos de parar aqui?

Hector respondeu logo em seguida:

– Agora.

– Sim, senhor. – disse o pai de Eric parando o carro.

Hector mandou o pai de Eric descer do carro. Então ele assim fez junto com os outros três. Os quatro já estando fora do carro, Hector disse apontando a arma para o pai de Eric:

– Coloque as mãos em cima do carro.

O pai de Eric assim fez e os três se aproximaram dele. Enquanto Hector continuava apontando a arma para o pai de Eric, Jorge se certificava que ninguém estava vendo aquilo. Eric se aproximou de seu pai e disse:

– Eu vou mandar meu colega aqui abaixar e guardar a arma com uma condição.

Apavorado seu pai perguntou, mesmo não sabendo que era seu filho:

– Qual?

– Quero sua palavra de que não irá tentar nada de irregular. Nós só vamos conversar. Acha que consegue fazer isso?

– Sim, tem minha palavra. Não tentarei nada.

– Muito bem então. Estou confiando em você.

Naquele momento Eric teve uma enorme vontade de contar a verdade e abraçar seu pai. Mas isso poderia levar tudo por água abaixo. Eric fez sinal com a cabeça autorizando o detetive Hector a guardar a arma. E Hector assim fez. Então Eric recomeçou a falar:

– Preste atenção, pois eu só direi uma vez.

– Sim, senhor. – respondeu seu pai aflito.

– Você não deve realizar a viagem de amanhã. Se não...

Antes que Eric terminasse de falar, seu relógio começou a apitar. Ele olhou para o relógio em seu pulso e disse espantado:

– Oh! Não.

Hector assustado, perguntou:

– O que foi?

Eric respondendo rapidamente gritou:

– Todos fechem os olhos agora!

Todos assustados assim fizeram. Os quatro começaram ouvir sons de raios elétricos em volta deles, sem sentir nenhum choque é claro, e então no segundo seguinte os quatro foram arremessados contra o chão.

Sentido seu rosto no chão Eric ouvia um som alto de alguma coisa, não conseguia distinguir o que era. Não entendendo nada do que estava acontecendo, levantou-se um pouco atordoado e tentou recuperar-se da queda. Estando de pé, olhou em volta

tentando reconhecer o lugar onde estava e no mesmo instante fez uma cara de horror dizendo:

– Essa não! Isso não é nada bom.

CAPITULO VIII

– Como viemos parar aqui Eric? – perguntou Hector que recém tinha se recuperado da queda e reconhecido o lugar e época.

Eric respondeu rapidamente:

– Depois eu explico. Temos que sair daqui imediatamente. Os aliados vão chegar a qualquer instante. Ficaremos em um fogo cruzado muito perigoso.

Jorge e o pai de Eric ainda tentavam se levantar. A queda tinha sido muito forte. Hector e Eric os ajudaram a se levantar. Jorge bastante confuso com tudo aquilo, perguntou um pouco tonto:

– O que houve? Onde estamos?

Cinco aviões de bombardeio sobrevoaram a novecentos metros acima deles fazendo um barulho estrondoso.

Eric respondeu:

– Não temos tempo para explicações agora. Temos que sair daqui já!

No mesmo instante os quatro, apesar do pai de Eric ainda estar um pouco tonto e confuso, saíram correndo para um lado qualquer. Sons de explosões começaram a ressoar fortemente por todos os lados.

Enquanto corriam, o pai de Eric perguntou:

– Eu por acaso estou sonhando?

Jorge respondendo mais rápido que todos, disse:

– Muito pelo contrário senhor Bruce. Isto que está acontecendo é real.

O pai de Eric olhou para Jorge pasmado perguntando:

– Como sabe meu sobrenome?

Gaguejando Jorge respondeu sem graça:

– Aah... É... Bem... Uuh... Aah... Bem... Intuição sabe né... Pois é... Tive sorte! É isso. Tive sorte.

O pai de Eric olhava horrorizado para Jorge sem entender nada. E Eric balançou a cabeça negativamente, indignado.

Já estando uns quatrocentos metros longe do local onde estavam no princípio da queda, eles pararam ofegantes no meio de uma rua larga de paralelepípedo totalmente vazia. Ao redor só havia apenas o que restou de casas destruídas e montantes enormes de entulhos assinados pela guerra. Todos se apoiavam em seus joelhos tentando retomar o fôlego. Eles podiam ouvir abafadamente sons de metralhadoras atirando e bombas explodindo. Eric levantou-se e colocou as duas mãos na cintura

ainda ofegante avaliando o lugar com o suor em sua testa. Seu pai fazendo o mesmo olhou para ele e perguntou:

– Certo garoto. Quero uma explicação do que está acontecendo aqui. E quero agora.

Eric olhou para seu pai com seu semblante sério e respondeu:

– Bom, pelo que vejo não tenho escolha. – fez uma pausa e acrescentou: – Nós viajamos no tempo.

O pai de Eric abriu a boca para fazer outra pergunta, mas Hector interferiu fazendo uma antes:

– Eric, pode me explicar que raios deu nesse seu relógio aí que acabamos voltando para a época da segunda guerra mundial? E como, ainda por cima, viemos parar na cidade de Berlim? Seu relógio não deveria nos arremessar apenas cinco metros longe do local de partida?

– Meu relógio deve ter quebrado quando aquele ciclista me atropelou. Deve ter desconfigurado o sistema e programação. E o pior de tudo isso... – Eric suspirou rápido e concluiu: – É que só temos carga para só mais uma viagem apenas. Por isso, desliguei-o enquanto corríamos... Para que eu pudesse pensar melhor o que fazer com essa pequena complicação. – Eric estava ofegante.

– Pequena complicação? – disse Hector com um sorriso sarcástico. – Você deve estar brincando né?

– Não detetive Hector... Não estou.

O pai de Eric interrompendo a conversa perguntou:

– Desculpe garoto, mas seu nome é Eric?

Eric respirou e soltou o ar bem devagar respondendo:

– Sim, está correto.

– Que coincidência. Também tenho um filho chamado Eric.
– disse o pai de Eric olhando para o vazio.

Eric olhou nos olhos de seu pai e falou:

– Meu nome completo é Eric Bruce.

O pai de Eric levantou os olhos para ele e disse:

– Isso não pode ser possível.

– Sim, é possível. Viajamos no tempo... Não viajamos? –
disse Eric ainda ofegante.

O pai de Eric pensou um pouco. Não estava acreditando naquele evento em sua vida. O evento mais estranho já ocorrido. Para ele naquele momento a viagem no tempo parecia ser bem real, ainda sim inacreditável. A ideia de que aquele garoto com uma aparência de dezesseis anos era mesmo seu filho estava longe de ser aceita. As coisas ainda estavam muito confusas. Aquilo tudo parecia loucura. Num minuto ele estava sendo sequestrado, no outro ele estava no meio de uma rua de Berlim na Alemanha vivenciando a segunda guerra mundial. Até passou pela sua cabeça que ele estava sonhando, mas ainda sim tudo parecia ser real demais. Incrédulo com tudo aquilo, ainda sim perguntou:

– Então você é do futuro certo?

Eric respondeu:

– Nós três somos. E no momento agora você também.

– Certo. Então quem fez a máquina do tempo?

– Eu.

– Mas se é mesmo verdade, como conseguiu desenvolver uma máquina do tempo se você nem saiu do ensino médio ainda?

– Porque ele sofreu um acidente em uma hidrelétrica e ficou genial. – respondeu Jorge piscando o olho para o pai de Eric.

Furioso Eric disse para Jorge:

– Jorge! Não era pra você contar isso.

– Ops! Foi mau cara. Me esqueci disso.

– Ah! Então foi isso que aconteceu com você. – disse Hector.

Eric um pouco arrogante disse:

– É. Mas, não vamos entrar em detalhes.

– Tá legal. A vida é sua. – disse Hector fazendo sinal com as mãos.

O pai de Eric não estava entendendo nada. Ele apenas observava.

– Certo gente, vamos parar de discutir assuntos alheios e falar como vamos sair daqui. – disse Jorge.

– Tudo bem. A questão no momento é que se voltarmos para o futuro agora e aqui, ainda sim estaremos dentro da Alemanha. – disse Eric pensativo.

– Quer dizer que não vai acontecer à mesma coisa quando viemos para cá? – perguntou Hector.

– Aí é que está a questão. Meu relógio não foi desenvolvido para regular a distância que somos arremessados do ponto de partida. Ele foi desenvolvido com apenas uma distância fixa. Cinco metros. O que ocorreu há minutos atrás foi uma anomalia sistêmica dos circuitos do relógio. E ainda não tenho certeza se pode acontecer de novo o que aconteceu agora, ou se só ocorrerá de sermos arremessados cinco metros longe do ponto de partida como deve ser.

Eric tirou sua mochila das costas e abriu-a retirando o relógio holográfico dela, trocando de lugar com o relógio do tempo

e guardando esse na mochila. Após fechá-la, recolocou nas costas e disse:

– Temos que achar um lugar seguro para que eu possa concertar a programação do relógio do tempo.

– Certo. – disse Hector.

Eric olhou para seu pai e disse:

– Vai ficar tudo bem. Depois que eu concertar o relógio levarei você pra casa. Eu prometo.

Naquele momento o pai de Eric olhou-o com certa confiança, como se realmente já o conhecesse. Ele respondeu:

– Acredito em você Eric.

Eric sorriu levemente.

Os quatro começaram a caminhar em direção oposta de onde vieram. Mas, eles só deram umas poucas passadas quando ouviram atrás si:

– Stehend! Nein wenn bewegen.

Jorge sentindo sua espinha gelar disse a Eric sem se virar:

– Por favor, diga que você sabe falar alemão.

Todos olharam para Eric e esse respondeu:

– Isso não é nada bom.

Assustado, Hector perguntou:

– O que ele disse?

– Ele disse: Parados. Não se movam.

CAPITULO IX

Três soldados alemães, com seus uniformes cinzas, botas escuras e capacetes de metal contendo uma pequena sigla SS na lateral, apontavam suas metralhadoras MP40 SMG's para os quatro rendidos de mãos para cima que permaneciam imóveis de onde estavam. Com exceção de Eric... Jorge, Hector e o pai de Eric estavam aflitos e apavorados com a situação inesperada. Um dos soldados se aproximou deles e disse ainda apontando a arma:

– Wer gesund gibt? “Quem são vocês?”

Todos que estavam ao lado de Eric olharam-no novamente esperando que ele respondesse, e ele respondeu:

Wir sind aus Potsdam. Wir sind verloren. “Somos de Potsdam. Estamos perdidos.”

Obviamente os três que estavam ao lado de Eric não entenderam uma só palavra do que ele e o soldado alemão estavam falando.

Sogar so gibt Sie sind Verhaftung. “Mesmo assim vocês estão presos.” – disse o soldado sacudindo a arma metralhadora.

– Ich können warum? “Posso saber por quê?” – Perguntou Eric.

– Weil ich wissen daß du sein lügen. “Porque eu sei que está mentindo.”

Então o soldado ordenou aos outros dois que prendessem os quatro e levassem eles ao distrito do exército. Eric decidiu que não ia falar mais nada para não complicar a situação de risco em que se encontravam. Eric sabia que os aliados estavam para chegar à cidade e confrontar os alemães a qualquer momento.

Tinha que pensar em alguma coisa e rápido, pois ficar naquele lugar poderia ser muito arriscado.

Enquanto os quatro caminhavam sendo conduzidos pelos soldados alemães, Hector perguntou quase de sussurro para Eric:

– Onde aprendeu a falar alemão?

Eric respondeu olhando para o chão enquanto caminhava:

– Com meu dicionário de bolso.

– Dicionário de bolso?

– Sim.

– E quanto tempo levou para aprender todas as palavras?

– Menos de uma hora aproximadamente.

– Então você deve saber falar outras línguas também?

– No momento só cinco.

– E quais são?

– Inglês, francês, italiano, espanhol e o alemão como acabou de testemunhar.

– Incrível. Fascinante.

– Foi um bom passatempo.

– Quer dizer que aprendeu porque não tinha nada o que fazer?

– Exato.

– Sorte a nossa. Se você não falasse alemão, nesse momento estaríamos perdidos.

– Pode ser.

– Ruhe! “Silêncio.” – Gritou um dos soldados.

Eric interpretando a palavra fez sinal de silêncio para seus companheiros. Jorge não estava mais aguentando ficar com os braços levantados, tentou chamar a atenção de Eric, mas esse apenas olhava para o chão pensativo. No desespero Jorge fez bem baixinho:

– Psiu! Eric, por favor, olhe pra cá.

Por sorte Eric ouviu e perguntou também sussurrando:

– Que foi Jorge?

– Não aguento mais ficar com os braços erguidos.

– Não se preocupe, vou dar um jeito nisso.

Eric olhou para trás e disse:

– Entschuldigung. Wir dürfen senken die arm? Wir sind erschöpfen. “Desculpe. Podemos baixar os braços? Estamos esgotados.”

O soldado pensou um pouco e depois fez sinal autorizando. Todos abaixaram os braços e soltaram um leve suspiro de alívio. Os quatro sabiam do que os alemães nazistas eram capazes de fazer se dessem um passo em falso ou falasse uma palavra errada. Pois a história havia lhes ensinado quão cruel os alemães foram na época em que se encontravam agora.

O ano em que se achavam era o de 1945, o último ano que durou a segunda guerra mundial. O ano em que os aliados invadiram a Alemanha definindo o fim da guerra. O fim de um pesadelo mortal.

Eric pensava num modo de como usar seu relógio holográfico sem que os alemães tomassem dele antes. E também não podia permitir que lhe tirassem a mochila. O relógio do tempo estava lá dentro. Se isso acontecesse, ele e seus companheiros poderiam ficar presos naquela época por muito tempo. Ou talvez

pra sempre. Pois não existiam relógios digitais naquela época. E nem as peças necessárias para montar outro relógio do tempo. A situação ficava mais arriscada a cada momento. Eric tinha que agir. Precisava fazer algo antes de chegar ao distrito. Então se lembrou da arma de Hector, afinal, os alemães não os tinham revistado ainda. Eric olhou para Hector e sussurrou:

– Hector! Psiu! Hector!

Hector olhou para Eric e também sussurrou:

– Que foi?

– Sua arma. Eu tive uma ideia.

– Você ficou louco? Quer nos matar?

– Presta atenção. Se não sairmos daqui agora ficaremos presos nessa época pra sempre.

– Tá. Qual a ideia?

– Você vai usar meu relógio holográfico. Vamos criar uma distração para que nós possamos fugir.

– Mas, como?

– O relógio produzirá uma imagem de você apontando a arma pra eles a cem metros daqui. Bem atrás deles.

– Tá. Entendi.

Eric ajustou o relógio para que a imagem falsa surgisse a cem metros de qualquer lado que ele apontasse, ou o usuário dele. Eric entregou o relógio a Hector e disse:

– Coloque no pulso esquerdo.

Hector obedeceu. Eric continuou dizendo:

– Quando eu disser algo em alemão você aperta o botão esquerdo do relógio, saca arma apontando para sua frente e vira a

parte frontal do seu pulso esquerdo para trás. Para que o visor do relógio projete a imagem atrás deles. Entendeu?

– Entendi.

– Então se prepare.

Eric esperou se passar trinta segundos. Virou sua cabeça para os alemães atrás de si e ficou encarando-os. Quando um dos soldados percebeu que ele olhava demais, Eric virou todo seu corpo e apontou com o dedo em direção deles gritando:

– Pflege! Mann mit Waffe!

Os soldados olharam para trás rapidamente e viram a imagem de Hector apontando a arma para eles. Os soldados alemães começaram a disparar suas metralhadoras. Enquanto isso acontecia Eric gritou:

– Vamos! Corram!

Os quatro começaram a correr como loucos.

CAPITULO X

Já estavam consideravelmente bem longe dos soldados alemães quando pararam para descansar em outra rua de paralelepípedo qualquer. Sons de tiros no fundo do cenário horrórico ecoavam abafadamente a toda hora. E mais uma vez os quatro apoiavam-se em seus joelhos para retomar o fôlego. Correram muito mais do que da primeira vez. Jorge enxugava o suor de sua testa aliviado. E os outros respiravam com toda força que podiam. O pai de Eric olhou para o mesmo e perguntou:

- O que foi que você disse lá garoto? Você nos assustou.
- Eu disse: Cuidado. Homem com arma.
- Mas, mesmo assim foi muito bom.
- Era o único plano viável naquele momento.
- Impressionante.

Hector se aproximou de Eric e lhe entregou o relógio holográfico dizendo:

- Gostei desse seu relógio. Foi um ótimo plano também.
- Obrigado detetive Hector. – disse Eric um pouco ofegante ainda.

Jorge endireitando a postura perguntou já mais descansado:

- E agora? O que vamos fazer? Pra onde devemos ir?

Eric respondeu:

– Vamos achar um lugar para se esconder para que eu possa concertar o relógio do tempo. Não podemos ser pegos outra vez.

Todos concordaram com Eric. Os quatro começaram a andar.

Andaram mais de vinte minutos a procura de um lugar para se esconder. Pois a maior parte dos prédios e casas tinham formas apenas de entulhos. Árvores sem folhas, buracos na rua. Alguns corpos de soldados mortos no chão. Uma destruição total daquele lugar. Jorge sentiu até vontade de vomitar. Mas conseguiu ser forte para suportar tal espetáculo abominável. Andaram mais um pouco e finalmente acharam uma casa velha e abandonada em boas condições de se fazer um esconderijo. Não hesitaram em ir até ela. Entraram e viram que a casa tinha algumas mobílias inteiras. Na sala havia dois sofás verdes velhos, um pouco sujos, mas que ainda tinham condições de serem usados. Jorge e Hector não hesitaram em sentar neles para descansar o corpo fatigado. Eric porem preferiu usar a sala de jantar que continha uma mesa grande e cinco cadeiras, também em boas condições. Seu pai quis acompanhá-lo. Eric largou a mochila em cima da mesa e sentou-se em uma das cadeiras velhas. Suspirou e abriu a mochila retirando as ferramentas dos relógios e o próprio relógio do tempo. Seu pai sentando-se em uma cadeira perguntou:

– Você está bem?

– Estou sim, obrigado.

– Coisa de louco né?

– Está se referindo da viagem temporal?

– Não. Estou falando do fato curioso de estar falando com meu filho do futuro.

Eric abriu a caixinha de ferramentas e disse:

– Às vezes eu também me surpreendo. Mas com a viagem no tempo qualquer coisa desse gênero é possível.

O pai de Eric ficou em silêncio por alguns instantes e depois perguntou:

– Qual era o aviso ameaçador que vocês iam me dar antes de irmos para cá?

Eric pegou o relógio do tempo e começou desparafusá-lo na parte de trás dizendo:

– Essa não é a hora certa de você saber. E também não sei se é mesmo necessário você saber.

– E porque não?

– É complicado cientificamente para um intelecto humano qualquer compreender. Principalmente agora.

– Sei.

– Por favor, não me interprete mal nesse sentido.

– Não. Claro que não. Como poderia.

– Fique tranquilo, vou tirar a gente daqui.

– Sei que vai.

Os dois voltaram a ficar em silêncio. Os únicos sons ouvidos naquele momento eram os tiros abafados do longe. Eric desmontava o relógio peça por peça. Pegava as ferramentas uma de cada vez e fazia o trabalho de concertar o relógio minuciosamente. E nesse momento Eric começava a refletir no sonho que teve com seu pai antes de viajar no tempo. Pensava no fato de realmente não interferir na história de sua vida. Foi então que quebrando o silêncio o pai de Eric perguntou:

– Você não queria que eu viajasse. Por quê?

Eric parou o que estava fazendo e levantou os olhos.

– Desculpe o que disse?

– Você disse antes de irmos para cá para eu não viajar. Por quê?

Eric respirou e soltou o ar bem devagar se recostando o máximo possível na cadeira.

– Olha... Pai. Vamos deixar isso pra lá, está bem? Esquece que eu ia te ameaçar, vamos fazer de conta que tudo não passou de um mal entendido.

– Tudo bem. Não vou mais amolá-lo com isso. Filho.

Eric sorriu comprimindo um pouco os lábios e disse:

– Obrigado, pai.

– Que nada meu filho. Orgulho-me em saber que você será esse garoto especial e genial que é agora.

Eric mais uma vez sorriu e voltou a fazer o concerto do relógio.

CAPITULO XI

Acabara de escurecer quando Eric terminou de parafusar o ultimo parafuso do relógio do tempo. Ligou o relógio e falou:

– Pronto. Noventa e cinco por cento do relógio está concertado. Isso bastará para voltarmos para o futuro em segurança.

O pai de Eric somente balançou a cabeça de leve em afirmação. Hector e Jorge entraram na sala de jantar. Curioso Jorge perguntou:

– E aí Eric, concertou amigão?

– Sim Jorge. Concertei.

– Ufa! Que bom então.

Hector cruzando os braços, pensativo, perguntou:

– A distância dos cinco metros está concertada?

– Sim.

– Certo. Mas, o que faremos quando voltarmos para o futuro? Porque se a distância de cinco metros está concertada, então ainda estaremos dentro da Alemanha.

– Correto detetive. Por isso, teremos de voltar de avião para o Brasil.

– Quê?

– Isso mesmo detetive. Como esperava que voltássemos?

– Bom... É... Tá, você é o crânio aqui.

– Não se preocupe detetive, já pensei nisso.

– Como sempre, é claro.

– Agradeço o elogio.

O pai de Eric levantou a sobrancelhas com um sorriso e disse:

– Vocês devem ser conhecidos há bastante tempo para falarem assim um com o outro.

Hector respondeu:

– É. Pode ter certeza disso. Pois há seis meses ele me ajudou a resolver um dos casos mais difíceis de São Paulo.

– Eu acho que o termo certo é que você me ajudou a solucionar o caso detetive. – disse Eric com seu semblante sério.

– Ah! Por mim tanto faz. É a mesma coisa.

– Não vamos discutir detetive. Não discuto com meus amigos.

– Não, você tá certo. Não vamos perder a cabeça.

O pai de Eric disse olhando para o vazio:

– Vocês dois são umas figuras.

Uma sirene de alerta começou a tocar. Eric olhou para o relógio do tempo e falou:

– Devem ser os aliados chegando. Precisamos ir agora.

– Tem razão amigão. Não queremos ficar no meio do fogo cruzado. – disse Jorge.

Eric ajustou a programação do relógio do tempo e disse:

– Vamos. Aproximem-se de mim. E fechem os olhos.

Os três se aproximaram de Eric e fecharam os olhos. Eric disse:

– Preparem-se, aí vamos nós.

Então ele apertou o botão lateral do relógio e novamente os sons de raios elétricos ecoaram em volta deles e no segundo seguinte foram arremessados contra o chão.

Eric sentiu alguém levantá-lo do chão com força e dizer aos berros:

Wer gesund gibt? Der Sie machen hier? “Quem são vocês? O que fazem aqui?”

Eric estava tonto, não tinha se recuperado totalmente da queda. O homem que o segurava pelo colarinho mais uma vez berrou:

– Wer gesund gibt? Antworten! “Quem são vocês? Responda!”

Abrindo totalmente os olhos e olhando com seu semblante sério para o homem, Eric respondeu:

– Wollen befreien meine Kragen? “Quer soltar meu colarinho?”

Uma mulher loura surgiu de trás do homem que segurava o colarinho de Eric e falou bem alto:

– Befreien Junge Marco! “Solte o garoto Marco!”

O homem soltou Eric e a mulher loura se aproximou dele dizendo:

– Entschuldigung. Du bist gut? “Desculpe. Você está bem?”

Eric respondeu:

– Ja, danke. “Sim, obrigado”

Os companheiros de Eric se levantaram já recuperados da queda e limparam suas mangas. Hector se aproximou de Eric e disse quase sussurrando em seu ouvido:

– Eric, eu acho que você se esqueceu desse detalhe.

– Que detalhe?

– De sairmos da casa antes de viajar no tempo.

– Não esqueci. Devíamos ter caído do lado de fora da casa. A distância de cinco metros não funcionou de novo.

O homem que havia segurado Eric, sem paciência alguma disse quase aos berros:

– Ich nicht wissen wer gesund! Aber ich wollen ganz Welt draußen! Oder ich rufen die Polizei! “Eu não sei quem são! Mas quero todo mundo fora! Ou eu chamo a polícia!”

Mesmo com pena, a mulher teve que concordar com o marido. Gentilmente, ainda que não os conhecesse, apenas disse:

– Bitte. “Por Favor”

– Ja. Entschuldigung furchtbar Fehler. “Sim. Desculpe-nos o terrível engano.” – disse Eric fazendo sinal para os três atrás de si saírem.

Os quatro saíram pela porta e sentiram atrás de si essa bater com toda força fazendo um barulho assustador. Eles foram até a calçada e Hector disse:

– Olha Eric... Eu não sei o que vocês conversaram lá. Mas aquele homem tinha uma cara de quem estava disposto a tirar-nos a vida se pudesse. Sorte a nossa você saber falar alemão e sorte a nossa de aquela mulher ser muito gentil.

Eric olhando o movimento do trânsito alemão respondeu:

– Tem razão detetive. Foi por muito pouco.

Jorge coçando a cabeça perguntou:

– E o que faremos agora? Em que ano estamos?

Eric olhando para o relógio do tempo respondeu:

– Estamos novamente no ano de 2000, dia 26 de julho, às duas da tarde. E necessitamos arranjar um jeito de voltar para o Brasil agora.

CAPITULO XII

Ao primeiro cidadão alemão que ia passando, Eric abordou-o e disse:

– Wo ist die nächste Polizeiwache? “Onde fica a delegacia mais próxima, por favor?”

Sem hesitação, o homem que usava terno e um sobretudo cinza por cima respondeu dizendo detalhadamente qual caminho deveria ser feito. Eric agradeceu e virou para seus companheiros dizendo:

– Certo. O lugar para onde devemos ir primeiro fica a uns quinze minutos daqui.

Antes que todos concordassem, Hector perguntou:

– E que lugar é esse?

– Chegando lá, você saberá detetive.

– Você e essa mania... – com uma voz meio aguda e irritante, Hector imitou Eric: – Chegando lá, você saberá detetive.

Eric dando seu leve sorriso falou:

– Você me conhece.

– Ainda bem. Porque senão eu diria que você é maluco.

– Ora detetive, não se irrite com isso.

– Tá. Vamos de uma vez.

O pai de Eric e Jorge se olharam e deram de ombros. E então os quatro começaram a caminhar na direção que o homem de sobretudo havia dito a Eric.

Jorge feliz da vida olhava para todos os lados maravilhado e incrédulo ao mesmo tempo por saber que estava na Alemanha. Só não se sentiu assim antes pelo fato de ele saber que a época anterior em que esteve foi uma época triste e desprezível. Mas, naquele momento, sua visão era totalmente diferente. A imagem projetada em seu cérebro era fantástica e inesquecível. As ruas eram limpas e bem arborizadas. O modo como às pessoas se vestiam era totalmente diferente do que já tinha visto no Brasil. O trânsito era calmo e sem tumultuo. E Jorge não era o único a sentir maravilhado com tudo aquilo, pois o pai de Eric também estava. Afinal, nunca puderam ter a chance de estar naquele lugar tão encantador. Aborrecidos por dentro, indignavam-se com eles mesmos por não terem trazido uma câmera fotográfica. E mesmo que tivessem trazido Eric não permitiria que o fizessem, pois isso poderia causar alguns conflitos futuros. Ao contrário de Jorge e o pai de Eric... Hector e Eric procuravam ficar meditativos em seus pensamentos, não se importavam nenhum pouquinho com o lugar onde estavam, a não ser para sair dali.

Após quinze minutos de caminhada, eles chegaram a um prédio da delegacia alemã. Com uma estrutura bela e escultural

para quem a enxergava de fora. Separada da calçada por duas escadas curtas e com um ângulo de declividade bem baixo. Hector olhou para Eric e falou:

– Você só pode tá zuando com a minha cara. O que viemos fazer numa delegacia de polícia alemã se nosso objetivo é sair desse país?

Eric deu novamente seu leve sorriso enquanto olhava para o prédio.

– Digamos que viemos denunciar um roubo.

– E posso saber que é a vítima dessa história?

– Nós.

– Nunca vou me cansar de dizer: você é louco!

Eric olhou Hector ainda com seu leve sorriso no rosto. E sem perder mais tempo os quatro andaram até a entrada do prédio. Ao entrarem, viram que o movimento era quase calmo. Uma ou duas pessoas algemadas, algumas comuns; dois policiais no balcão da recepção, outros andando para lá e para cá; nenhuma confusão ou escândalo. Eric e seus companheiros se aproximaram do balcão da recepção e o policial que ficava atrás desse perguntou:

– In daß ich können helfen? “Em que eu posso ajudar?”

Eric não esperou em responder:

– Ich möchte einen Diebstahl anzeigen. “Estou aqui para denunciar um furto.”

Digitando alguma coisa no computador o policial continuou perguntando:

– Welcher Gegenstand war stehlen? “Qual objeto foi furtado?”

– Jedermann die Dokumenter und die Paß. “Todos os documentos e passaportes.”

O policial olhou-o seriamente e perguntou:

– Gesund Ausländer? “São estrangeiros?”

– Ja. “Sim”

– Jedermann? “Todos?”

– Ja. “Sim”

O policial olhou novamente o computador e digitou alguma coisa. Enquanto o policial digitava os dados no computador, Jorge perguntou a Eric:

– Eric, acha mesmo seguro fazer isso?

– Não se preocupe Jorge, eu sei o que estou fazendo.

– Espero que sim.

Novamente o policial alemão voltou a perguntar:

– Gibt Sie sehenst der Verdacht? “Vocês viram o suspeito?”

– Nein. Er sein mit Maske. “Não. Estava com máscara.” – Eric fez uma breve pausa e acrescentou: – Nein wenn Sorge mit der Verdacht. Wir wollen nur Rückkehr nach unser Land. “Não se preocupe com o suspeito. Nós queremos apenas regressar para o nosso país.”

Impressionado com aquele garoto que estava a sua frente, o policial pegou o telefone e olhou para Eric dizendo:

– Ich werde sehen der daß ich können machen. “Verei o que posso fazer.”

Eric agradeceu a atenção do policial alemão e se virou para seus companheiros com seu leve sorriso de conquista dizendo:

– Agora é uma questão de tempo. Se minha lógica estiver correta... O policial ligará para o seu superior, informando sobre nossa situação. Após isso, o mesmo superior irá conversar conosco querendo mais detalhes. Então ele fará outra ligação avisando a prefeitura ou qualquer departamento do governo sobre nós e nossa situação. O governo obviamente sem hesitar, nos amparará com as despesas da viagem de volta ao Brasil e ainda provavelmente nos pedirá suas humildes desculpas pelo inconveniente acontecimento.

O pai de Eric olhava o vazio pasmado com o que acabara de ouvir de seu filho. Hector nem se surpreendeu, afinal já conhecia Eric muito bem. Jorge deu um sorriso e falou:

– Eric amigão... Você é demais!

Eric sorriu e respondeu:

– Fico agradecido.

CAPITULO XIII

Tudo ocorreu como Eric havia previsto. A conversa com o tal superior. A ligação para um dos departamentos do governo. A ajuda com as despesas da viagem e as humildes desculpas pelo

ocorrido. E agora Eric e seus companheiros encontravam-se dentro de um jumbo 747, nas poltronas de primeira classe desfrutando do alívio de estarem vivos e da sorte de estarem voltando para o Brasil sem mais nenhum temor. Tudo estava resolvido agora. E se aproveitando da situação, como sempre, Jorge com suas manias de rico, pedia às aeromoças que lhe servissem daquilo que tivessem de melhor. Sorte a dele o governo alemão estar pagando tudo. Hector que estava sentado ao lado de Jorge, apenas descansava sua mente com uma leve soneca. Nas poltronas de trás estavam Eric e seu pai, silenciosos e pensativos, principalmente Eric que buscava tomar uma decisão lógica do seu objetivo ainda não executado. Impedir ou não impedir a viagem de seu pai, qual a decisão certa a tomar? Poderá mesmo causar efeitos colaterais perigosos no futuro se impedir? Ou foi apenas mais um sonho, uma projeção imaginária de seu cérebro querendo convencê-lo de que pode ser real? Seja qual for à explicação lógica para tal conceito, Eric precisaria se decidir mais cedo ou mais tarde.

Eric olhou para o relógio holográfico para conferir as horas. Era 15h30min. O relógio do tempo estava desligado outra vez dentro da mochila, com a carga da bateria nuclear não podendo suportar mais nenhuma viagem temporal. Sentindo-se cansado, Eric encostou a cabeça na poltrona e logo apagou.

Após algumas horas de voo, o avião pousou no aeroporto de Guarulhos em São Paulo. Eric foi acordado por seu pai que lhe dizia:

– Filho, chegamos. Finalmente estamos de volta.

Eric olhou para o relógio holográfico e disse:

– Estamos um pouco adiantados, mas não importa.

Os dois se levantaram e enxergaram Jorge e Hector fazer o mesmo junto com os outros passageiros. Entraram no corredor e

começaram a caminhar na direção da saída mais próxima. Todos desceram a escada de desembarque e se encaminharam para o terminal do aeroporto. Ao entrarem no terminal, o pai de Eric se lembrou:

– Agora que me lembrei... Meu carro ficou no meio da estrada quando viajamos no tempo. A essas alturas, ou os ladrões roubaram, ou foi guinchado para algum lugar de São Paulo.

Eric olhando novamente seu relógio disse:

– Vamos torcer pela segunda opção.

Jorge olhando em volta perguntou:

– E agora? Para onde vamos?

– Vamos pegar um taxi. Restou-me algum dinheiro na mochila. – respondeu Eric.

Sendo assim, os quatro começaram a andar em direção dos estacionamentos de taxi. Saindo do terminal, os quatro viram um taxi recém estacionar e desembarcar um homem de terno escuro e pasta preta. Aproveitando a deixa, Hector acenou para o motorista e os quatro foram na direção do carro. Eles entraram e Eric que sentou no banco de trás descreveu o destino. O motorista deu uma leve acenada com a cabeça e acelerou o carro.

Eric estava sentado ao lado da janela observando o trânsito, Jorge na outra e o pai de Eric no meio. No banco da frente, Hector escutava as baboseiras que o motorista contava, e apenas fingia que estava escutando. Pois teve que aturar isso a viagem inteira, já estava até começando a achar que a segunda guerra mundial tinha sido mais divertida antes. Pelo menos lá não tinha tantas histórias absurdas sobre a mulher dos outros para escutar. E Eric ria por dentro a cada segundo daquele acontecimento tão bizarro.

Após alguns minutos de viagem, o carro estacionou na frente da casa de Eric e o motorista falou olhando para Hector:

– São vinte reais da corrida amigos.

Eric pegou o dinheiro da mochila e deu ao motorista dizendo:

– Aqui está. Obrigado.

O motorista pegou o dinheiro e os quatro desceram do carro. Eles fecharam as portas e o carro logo saiu. Eric olhou para seu pai e falou:

– Minha promessa está cumprida.

– É... Parece que sim.

– Sinto muito por tudo pai. Principalmente pelo seu carro.

– Está tudo bem. Pelo menos foi emocionante. E também acho que ele não deve ter sido roubado, acho que ele deve estar em algum lugar dentro do DETRAN aqui em São Paulo.

Jorge e Hector apenas observavam silenciosos. Eric continuou:

– Bom, então é isso... Já vamos.

O pai de Eric pensou um pouco e falou:

– Espere... Onde vai concertar o relógio?

– Em um hotel aqui perto. Já ficamos lá uma vez.

– Porque não faz isso na sua própria casa?

Eric olhou para Hector e Jorge e voltou logo a olhar seu pai dizendo:

– Não sei se é uma boa...

Hector cortando a fala de Eric disse:

– Vai ser uma beleza. Nós adoráramos.

O pai de Eric sorriu e falou:

– Ah! Que ótimo então. Vamos entrar.

Enquanto o pai de Eric se encaminhava para o portão de sua casa, e a casa de Eric também, Eric olhou para Hector com os olhos meio contraídos, indignado. E retribuindo olhar de Eric, Hector olhou-o com um sorriso sarcástico. Agora Eric iria ter que se encontrar com ele mesmo, na sua própria casa no passado. Que consequências poderiam ocorrer se isso acontecesse? Uma consequência grave, ou nenhuma consequência? O fluxo do tempo poderia ser atrapalhado, ou destruído? Era o que Eric estava prestes a descobrir naquele momento. Torcia dentro de si que nada disso acontecesse. Torcia que fosse apenas um encontro casual de espaço-tempo. Apenas uma visita do futuro na casa do passado.

Então Eric, Jorge e Hector caminharam até a casa que estava a sua frente. O pai de Eric abriu o portão e os quatro entraram. Escolhendo uma chave do molho, o pai de Eric pegou-a e inseriu na fechadura da porta da sala. Ao girá-la ele empurrou a porta e essa foi aberta. Naquele momento o coração de Eric começou a pulsar mais forte. E o que era raro em Eric aconteceu. O temor tomou seu corpo, e sua espinha gelou de uma ponta a outra. Jorge percebeu isso quando olhou Eric, pois Jorge também sabia como funcionavam as viagens no tempo. Pelo menos como eram mostradas nos filmes. O indivíduo que se encontra consigo mesmo em épocas diferentes, causa um enorme rompimento na estrutura do tempo, criando distorções graves. Por esse motivo, Eric hesitou um instante em entrar na sua própria casa. Seu pai olhou-o e perguntou:

– Tudo bem aí? Está se sentindo bem?

Eric meio aflito respondeu:

– Está, é que... Pode vir aqui um instante?

O pai de Eric não compreendendo, assim fez. Eric sussurrando, disse:

– Só me prometa uma coisa.

– O que?

– Quero sua palavra de que não vai me chamar de filho em hipótese alguma. E quero sua palavra de que não vai contar de onde eu, e meus amigos somos, ou como viemos.

– Combinado. Vamos entrar.

Jorge, Hector e o pai de Eric foram os primeiros a entrar. Entrando por último, Eric parou na porta e olhou lentamente todo cômodo da sala apenas com os olhos procurando algo. Ou, melhor dizendo, ele mesmo. E ao olhar para o tapete da sala Eric avistou-se. Estava no local em que costumava sempre estar quando brincava com seus andróides de miniaturas, era seu local preferido. Eric não se surpreendeu, porém, não estava acreditando que estava se vendo onze anos mais jovem. O pequeno Eric de cinco anos avistou seu pai e levantou-se indo abraçá-lo dizendo alegre:

– Oi papai! Trouxe algo pra mim?

O pai dos dois Eric's sorrindo, respondeu:

– Não. Papai nem foi viajar ainda. É só amanhã que o papai vai.

– Mas você vai trazer o último andróide da minha coleção né?

– Claro que vou! Se não como é que os andróides do bem vão derrotar os do mau? Nosso mundo estaria perdido!

Jorge e Hector observavam aquela cena sorrindo. Eric apenas ficava no seu silêncio profundo presenciando um de-já-vu.

E ao que parecia, nenhuma consequência temporal estava ocorrendo. E sendo assim, Eric recuperou sua calma em pouco tempo. Estava tudo bem. O pequeno Eric olhou-os e perguntou ao seu pai:

– Quem são esses aí, papai?

O pai de Eric começou a apresentar a cada um, começando pelo próprio Eric:

– Esse aqui é o...

– Douglas. – cortou Eric.

– Isso mesmo, o Douglas.

Depois apontou para o Hector e disse:

– Esse aqui é o...

– Hugo.

– É... E aquele ali é o...

– Rudolf. – disse Jorge.

– Isso... Hãhã? – disse o pai de Eric olhando para o Eric do futuro.

Eric não perdendo tempo concordou piscando seu olho seriamente e acenando com a cabeça de leve. O pai de Eric continuou:

– É isso aí, esse é o Rudolf. Diga olá pra eles Eric.

O pequeno Eric obedeceu e disse:

– Olá! Como vão?

O próprio Eric respondeu por todos:

– Vamos bem. E você?

– Eu também.

– Que bom então.

Após alguns instantes surgiu a mãe de Eric dizendo:

– Ah! Olá a todos. Como estão?

Eric, Jorge e Hector responderam quase ao mesmo tempo:

– Bem, obrigado.

O pai de Eric olhou para sua esposa e apresentou todos novamente. Douglas, Hugo e Rudolf. Esses eram os nomes que iriam ser usados enquanto Eric e seus companheiros espaços-temporais estivessem no passado. Poderia ser catastrófico usar os nomes verdadeiros naquele momento.

Mostrando gentileza, a mãe de Eric os convidou para tomar um chá. Os três aceitaram e se encaminharam para cozinha. Todos se sentaram à mesa e a mãe de Eric foi preparar o chá. Jorge que estava sentado ao lado de Eric inclinou-se de leve e falou sussurrando:

– Eric, sua casa não mudou nada dessa época para nossa. Dá até a impressão de que não voltamos.

Eric também sussurrou dizendo:

– Eu sei. Minha mãe sempre foi muito conservadora.

Aproveitando o clima de paz e tranquilidade, Hector fez uma pergunta ao pai de Eric que estava sentado ao seu lado:

– Como se chama senhor Bruce? Ainda não sei o seu nome.

– Meu nome é Thomas. Thomas Bruce.

– É um bonito nome senhor Bruce. – disse Jorge.

– Obrigado Rudolf. Muita gentileza sua. – o pai de Eric fez uma breve pausa e depois acrescentou: – Quero que vocês saibam que podem ficar o tempo que quiserem. Terei prazer em acolhê-los em minha casa. Principalmente você Douglas.

Eric olhou-o com seu olhar sério e pensativo perguntando:

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Mesmo assim acho que não vai ser necessário.

– Por favor, eu insisto. Ficarei ofendido se não aceitarem.

– Se é assim que deseja... Então nós aceitamos o convite.

CAPITULO XIV

Desligando o telefone, o senhor Thomas Bruce, o pai de Eric, havia terminado sua conversa com seu chefe da empresa onde trabalhava. Ele havia lhe explicado que não compareceu a empresa naquele dia por motivo de muitos imprevistos indesejáveis, tal como o desaparecimento de seu carro. Tudo foi simplesmente resolvido, não houve nenhum tipo de discordância de seu chefe, tudo foi compreendido sem nenhum problema. Pois, até mesmo o próprio chefe lamentou tal acontecimento. É claro que nessa conversa não foi mencionado nenhuma vez às viagens no tempo. E mesmo que o chefe não tivesse acreditado em tal absurdo, poderia ter demitido o senhor Bruce por tamanha desculpa esfarrapada para não ter comparecido no trabalho naquele dia.

Voltando para cozinha, o senhor Thomas Bruce encontrou todos conversando alegremente assuntos alheios. Ele parou próximo à mesa onde todos estavam e falou:

– Finalmente está tudo resolvido lá na empresa.

Eric que há poucos instantes estava com o rosto alegre, o que era raro agora que tinha uma mente brilhante, virou o rosto para o seu pai e voltou a ter seu semblante sério perguntando:

– O carro está no DETRAN?

– Sim. Liguei para lá antes de falar com o meu chefe, e sim... Eles estão com o carro. Disseram que o acharam abandonado no meio da estrada, e parece que nada foi roubado.

– Que bom então. É uma ótima notícia.

Hector mostrando um grande sorriso, disse:

– Quem bom que está tudo resolvido agora. Agora é só alegria. Certo pequeno Eric?

O pequeno Eric soltando sua inocente risada gostosa respondeu:

– Ahãm...

Hector lhe fez um pequeno cafuné na cabeça.

Algumas horas haviam se passado, e a noite havia tomado toda a grande São Paulo, assim como metade do planeta. Já passava das 11h30min. A senhora Ana Bruce preparava os leitos na sala para os convidados do senhor Thomas Bruce, enquanto esses se encontravam ainda na cozinha conversando sobre vários assuntos. E a cada instante que se passava, Eric surpreendia seu pai mais e mais com seus diálogos intelectuais, suas falas com frases de argumentos cultos e assuntos de nível superior. Assuntos que o próprio pai de Eric mostrava desconhecer. Deixando-o a cada segundo mais pasmado e boquiaberto com tanto brilhantismo. Até o próprio Hector que o já conhecia mais ou menos, estava assombrado. É como se Eric Bruce tivesse um mundo novo em sua volta que estava oculto. Jorge era o único que

não se preocupava com a conversa pelo fato de não se interessar muito por tais assuntos.

Cortando a conversa dos quatro, a senhora Ana Bruce chegou dizendo:

– Querido, Eric já está dormindo. E também já estão preparados os leitos dos convidados.

Dando um sorriso o pai de Eric falou:

– Está bem querida. Muito obrigado. Já pode se retirar se quiser.

– Vou sim. Estou caindo de sono. Boa noite a todos.

Todos retribuíram o cumprimento. E então a senhora Ana Bruce se retirou. O pai de Eric olhou-o e perguntou:

– Certo Eric. O que vai precisar para concertar o relógio?

Eric com seu semblante sério respondeu:

– Primeiro, terei de fazer uma bateria nuclear nova. E para isso precisarei de uns equipamentos de laboratório.

– Sei onde conseguir. Conheço um amigo meu que tem uma loja de equipamentos químicos. E a matéria prima?

– Pode ser utilizada qualquer coisa.

– Como assim qualquer coisa?

– Tudo que está a nossa volta pode ser transformado em energia. É só conseguir atingir o ponto exato de instabilidade.

Hector fazendo um tipo de T com as mãos, disse piscando rapidamente seus olhos:

– Pera aí, pera aí. Quer dizer que aquela bateria que você tinha não era de urânio ou plutônio?

Eric olhou-o.

– E por acaso eu tenho cara de quem pode possuir tais recursos da natureza?

– Sei lá. Quem sabe você podia ter roubado.

– E onde acha que ia consegui-lo?

– É tem razão. Você que é você não poderia conseguir.

– Obrigado detetive. E além do mais, se a bateria fosse de isótopos radioativos não teríamos viajado no tempo. Não seria capaz de colocar nossas vidas em risco.

Jorge aproveitando o assunto perguntou:

– Quanto tempo você acha que vai levar para fazer uma bateria nova, Eric?

– Aproximadamente três horas.

O pai de Eric voltou a perguntar:

– E as peças do relógio?

Eric respondeu:

– Só precisarei de um relógio novo. De preferência digital. Usarei as peças do novo para substituir as danificadas do relógio do tempo.

– Entendi. Comprarei um. – disse o pai de Eric.

Jorge bocejando falou:

– Não sei. Acho que vou descansar. Viajar no tempo é muito cansativo. E também já está um pouco tarde.

Todos concordaram com Jorge e resolveram fazer o mesmo.

No café da manhã do dia seguinte, Eric Bruce observava a si mesmo do outro lado da mesa onze anos mais jovem. Era como se olhar em um espelho na qual o reflexo fosse o passado. E pela primeira vez Eric se sentiu um pouco confuso com tudo isso.

Dizendo bom dia a todos, o senhor Thomas Bruce entrou na cozinha com dois pequenos pacotes na mão colocando-os na mesa. Ele olhou para o Eric do futuro e falou:

– Dormiu bem Eric?... Hãh... Quero dizer Douglas.

O pequeno Eric olhou para seu pai e perguntou:

– Porque chamou ele de Eric, papai?

– Ah, não filhinho. Só cometi um engano. Acontece.

– Ah bom.

Eric olhou os pacotes na mesa e perguntou:

– São os equipamentos e o relógio?

– Sim. Estão todos aí.

– Ótimo, iniciarei hoje mesmo.

CAPITULO XV

Jorge e o pequeno Eric do passado, observavam atentamente Eric Bruce do futuro fazer as reações químicas em

cima da mesa da cozinha, as reações para a nova bateria nuclear do relógio do tempo. Obviamente, o pequeno Eric não estava entendendo nada daquilo que o tal Douglas como conhecia estava fazendo, mas de qualquer jeito estava sendo muito divertido, o que mostrava que ele realmente tinha paixão pela ciência. E desse modo o tempo se passava.

Horas se passaram, e Eric Bruce finalmente terminou as reações. Ele inseriu a solução na pequena bateria do relógio com todo o cuidado e lacrou-a. Guardou em um tubo pequeno de metal e disse:

– Ninguém deve tocar nesse pequeno tubo. Entenderam?

Jorge e o pequeno Eric acenaram com a cabeça confirmando.

– Ótimo. – disse Eric.

Eric pegou o relógio digital que seu pai havia comprado e começou a desmontá-lo. As peças que Eric iria retirar desse relógio seriam as peças substitutas do relógio do tempo, para que seu funcionamento fosse eficaz como antes. E enquanto Eric fazia isso, começava a pensar no fato de se decidir se iria mudar o futuro ou não. Novamente Eric ficou absorto em seus pensamentos. Era uma decisão difícil, a primeira complicação em que Eric teria de pensar muito antes de agir. E agora, Eric estava torturado pela incerteza pela primeira vez desde que recebeu o novo dom. É como dizem: Todo nascimento de um novo herói, há o nascimento de um novo vilão, ou vilões. Não pode haver herói sem um vilão para combater. E um desses vilões que combatia Eric naquele momento chamava-se passado. Seria mesmo o certo impedir que seu pai sofresse o acidente? Eric começou a pensar mais aprofundadamente nesse assunto. Começava a pensar que poderia haver duas possibilidades de consequências se impedisse seu pai de viajar. A primeira e a mais simples: O senhor Thomas Bruce é impedido de

viajar. O acidente não acontece. Eric volta para o futuro com a consciência tranquila de que vai ter seu pai de volta na sua época e seguirá sua vida de gênio normalmente como se nada tivesse acontecido. A segunda e a mais arriscada: O senhor Thomas Bruce é impedido de viajar. O acidente não acontece. Mas... Ao ter realizado tal ato, a existência de Eric no passado começaria a se apagar antes mesmo que ele retornasse para o ano de 2011, o mesmo ano em que ele sofrerá o acidente na hidrelétrica antes de viajar no tempo e estar na época em que ele se encontra agora. Pois já que seu pai sabe desse fato do acidente, há uma possibilidade de que ele, com seu instinto protetor natural de pai, impeça Eric de realizar a excursão do colégio no futuro para que o acidente não ocorra. O que depois poderia causar uma reação em cadeia de fatos ocorridos e não ocorridos, misturando-os, distorcendo todo o fluxo temporal e criando então uma nova realidade alternativa na Terra.

Jorge lembrando-se de um fato importante perguntou a Eric:

– Douglas, se essa bateria é nuclear... Ela não deveria emitir radiação?

– Se eu tivesse desenvolvido uma bateria nuclear radioativa não estaríamos aqui agora Rudolf. Não colocaria nossas vidas em risco. Eu estudei tudo sobre física nuclear antes de desenvolvê-la. Não se preocupe fiz os mais minuciosos e mais cuidadosos cálculos químicos e quânticos possíveis.

– Se você está dizendo...

– Fique descansado meu caro amigo, está tudo sob controle.

– Está bem então.

Eric com seu semblante sério e pensativo retomou sua tarefa de consertar o relógio. E Jorge e o pequeno Eric do passado voltaram a observar atentamente. Afinal estava divertido ver Eric fazer os experimentos científicos.

Enquanto isso, Hector e o pai de Eric conversavam sobre muitos assuntos diferenciados da vida cotidiana. Mas como o pai de Eric não podia chamar Hector pelo nome original, dizia:

– E então Hugo meu caro, qual a sua profissão?

– Sou detetive criminalístico.

– Ah! Isso explica a arma.

Hector olhando para os lados respondeu:

– É, mas não queremos que sua mulher e filho saibam disso não é?

– Tem razão. – sussurrou o pai de Eric.

Os dois ficaram em silêncio por um momento. Hector olhou o pai de Eric como se já o conhecesse há muito tempo, e esse se encontrava sério e pensativo olhando para o vazio. Hector olhou para o relógio e falou para quebrar o clima monótono:

– Vou ver como o Eric... Digo... Douglas está indo com o seu experimento. – terminando sua frase com um sorriso.

O pai de Eric fez um gesto com a cabeça e disse:

– Ah sim! Fique à vontade. Vou resolver algumas coisinhas.

Hector também fez um gesto com a cabeça e se encaminhou para a cozinha. Ao chegar na cozinha, Hector testemunhou Eric encaixar a última peça do relógio do tempo já concertado e pronto para levá-los para casa. Colocando o relógio sobre a mesa Eric falou:

– A resposta é sim. O relógio está concertado.

Hector encarando Eric seriamente disse:

– Mas nem perguntei nada.

– Mas ia perguntar.

– Como eu já disse muitas vezes, vou dizer de novo: Você me assusta garoto, você me dá arrepios.

– Você me conhece.

– Às vezes não.

O pequeno Eric riu com a frase de Hector e Eric olhou-o com um leve sorriso. Hector fazendo uma pequena careta disse:

– Tá, tá, tá! Quando partimos?

Eric olhou para um ponto fixo da mesa e ficou por um instante em silêncio. Pensativo. Hector na hora percebeu do que se tratava, mas não quis dizer nada. Eric olhou-o de volta com seu semblante sério e falou:

– Ficaremos mais uma noite. E então partiremos.

Hector compreendendo disse:

– Você quer pensar mais um pouco para tomar uma decisão final não é?

– Pela primeira vez... Você acertou meu caro amigo.

Jorge e o pequeno Eric apenas observavam a conversa. Hector continuou:

– Tudo bem, eu entendo. Afinal não tem problema, temos todo tempo do mundo. Partiremos quando você quiser.

Eric olhou para Jorge e esse acenou com a cabeça confirmando. Eric olhou para o relógio em cima da mesa e falou:

– Vinte e quatro horas. Nem um segundo a mais.

Hector respondeu:

– Como quiser.

Eric pegou o relógio do tempo e colocou em seu pulso. Levantou-se e começou a arrumar a pequena bagunça que havia feito sobre a mesa, Jorge começou a ajudar. Hector percebia que Eric estava muito preocupado e pensativo do que costumava ficar, ou seja, nunca. Hector pressentia que Eric não ia impedir o seu pai porque achava que esse era o certo a fazer, e talvez fosse mesmo. Então, veio algo à mente de Hector e esse logo voltou para a sala. O senhor Thomas Bruce havia acabado de guardar algo na gaveta de um móvel quando Hector chegou lhe dizendo:

– É... Eu estava pensando sabe... O que você acha de levarmos os meninos para um passeio? Afinal, essa será a última vez que você verá o “Douglas” com tal idade nessa época.

O pai de Eric pensou um pouco e falou:

– É uma boa ideia Hugo. Vamos fazer isso sim.

– Que tal se for agora?

– Bom... Ana ainda não voltou da cabeleireira, mas... Ela tem a chave. Vamos lá.

– Então tá. Vou avisar os meninos para se arrumarem.

– Certo!

Alguns minutos se passaram e logo todos já estavam fora de casa esperando o senhor Bruce trancar a casa. O pequeno Eric pulava de alegria em saber que ia dar um passeio e tomar um sorvete. Hector vendo a felicidade do pequeno Eric animava-o mais ainda. Jorge e Eric conversavam sobre os detalhes da rua. Após o senhor Bruce ter trancado a casa, todos viraram para um mesmo lado qualquer e começaram a caminhar. Debaixo de seu capote

preto Hector escondeu bem a arma para que o pequeno Eric não visse e ajeitou a gravata. Jorge olhou para o pulso de Eric e falou:

– Acho que seu relógio não está funcionando Douglas.

Eric respondeu sem virar seu rosto sério e pensativo:

– Ele está funcionando, só não inseri a bateria.

– Ah! Bom.

E assim os cinco caminhavam rumo a uma sorveteria que Hector conhecia.

O dia estava bonito, o céu estava claro, o movimento do trânsito estava calmo e o pequeno Eric sentia-se muito alegre em estar tomando um sorvete bem grande só pra ele. Jorge sentia-se o mesmo em relação ao seu. E Eric apenas tomava o seu lentamente olhando para o vazio, sério e pensativo. Enquanto Hector e o pai de Eric conversavam sobre muitos assuntos. Os cinco encontravam-se nas mesas do lado de fora da sorveteria, estava um dia perfeito.

Após terem acabado de tomar seus sorvetes os cinco voltavam para casa aproveitando o dia. Mas, o inesperado aconteceu. Num certo ponto do caminho os cinco pararam subitamente. Dessa vez não deu tempo de Hector sacar a sua arma. Havia dois homens mal encarados apontando seus revólveres para os cinco. Jorge assustado sussurrou para Eric sem se mexer:

– Parece que as complicações o acompanham a todo lugar, não é amigão?

Eric apenas respondeu:

– É... Parece que sim.

Um dos homens falou:

– Muito bem... Carteiras, relógios e qualquer coisa de valor pra cá agora.

Jorge perguntou:

– E agora? O que vamos fazer?

CAPITULO XVI

Para a infelicidade deles naquele momento, ninguém estava passando na rua. Os cinco estavam imobilizados pelo medo. O que significava que Eric estava bastante preocupado em estar com o relógio errado. Com seu semblante sério, Eric pensou encarando os dois bandidos: *“Como posso ter sido tão descuidado com esse fator? Eles não podem levar esse relógio”*. Hector não sabendo se Eric estava com o relógio do tempo ou o holográfico, olhou para Eric com esperança de receber uma resposta tranquilizadora com apenas um gesto. Mas Eric apenas balançou a cabeça em sinal de negação. Um dos bandidos sem paciência falou:

– Não vou pedir de novo seus palhaços! É bom começarem a colaborar agora, ou muita gente aqui vai se machucar.

Todos começaram a fazer o que foi mandado. Eric entregava o relógio processando um modo de recuperá-lo depois. O pequeno Eric estava bastante assustado e com muita vontade de chorar, estava apenas olhando aquela cena pavorosa. Eric,

Jorge, Hector e o senhor Bruce, entregaram tudo o que foi mencionado e voltaram às posições que estavam. Os bandidos colocaram os pertences nos bolsos das calças e saíram correndo no sentido contrário das cinco vítimas. Hector sacou a arma e iria correr se Eric não tivesse dito:

– Não detetive. Vamos pega-los de outra maneira.

– Mas e o seu relógio? Precisamos dele para voltar para nossa época.

– Não se preocupe. Sem a bateria nuclear aquele relógio não é nada.

– Você deixou em casa?

– Para o nosso alívio... Sim.

– Mas... Como você pretende pega-los, se nem sabemos nada sobre eles?

– Tudo ao seu tempo detetive.

Jorge olhou para Eric meio atônito e falou:

– Mas Douglas... Não podemos perder tempo. Se aqueles homens venderem nossos pertences, nunca mais os acharemos.

O pai de Eric concordando falou:

– Ele tem razão, precisamos agir logo.

Eric olhou para a posição do sol e calculou a hora aproximada que seria naquele momento. Olhou para a direção que os ladrões saíram correndo e então falou:

– Temos que ir ao vigésimo quinto distrito da polícia.

Hector sentindo seu coração bater mais velozmente gritou:

– O quê? Tá maluco? Perdeu o juízo? Você melhor do que ninguém devia saber que tem outro eu naquela delegacia. Isso

poderá nos causar sérios problemas Eric... Douglas... Seja lá qual for o seu nome agora.

– Você está se sentindo bem detetive? Você é que deveria saber mais do que ninguém que voltamos há onze anos no tempo e não cinco.

– Do que você está falando?

– Você mesmo me contou que estava trabalhando há cinco anos na polícia.

– Ah! É bem... Tem razão. Que cabeça oca a minha.

Jorge e o pequeno Eric fizeram uma careta um para o outro. Jorge olhou para Eric e falou:

– Eu hein! Que coisa mais confusa.

Eric continuou a dizer:

– Precisamos entrar nos arquivos da polícia.

O pai de Eric curioso perguntou:

– E para fazer o que exatamente?

Eric respondeu:

– No momento certo eu direi. Agora precisamos voltar pra casa, tenho de pegar algumas coisas.

Eric começou a andar e os quatro atrás si fizeram o mesmo. E assim mais um dia de complicações iria iniciar. Complicações que Eric Bruce teria mais uma vez que resolver.

Ao se aproximarem de casa, a casa de Eric, esse falou rapidamente:

– Esperem aqui, eu já volto.

O pai de Eric não perdendo tempo pegou a chave da casa e entregou a Eric. Ao que parecia a senhora Ana Bruce não tinha voltado. Eric olhou para seu pai e falou:

– Só quatro de nós deverá ir nessa expedição. O que significa que o pequeno Eric deverá ficar.

O pai de Eric respondeu:

– Você está coberto de razão. E também pressinto que Ana deverá chegar logo em casa. – fez uma pausa e olhou para o pequeno Eric dizendo:

– Filhinho você terá de ficar em casa está bem? Papai não vai demorar.

– Ahã! – disse o pequeno Eric balançando a cabeça em confirmação.

– E não conte à mamãe o que aconteceu, tá bem? Promete?

– Prometo papai.

– Isso, bom garoto. Agora vai. Vai com o tio Douglas.

O pequeno Eric obedeceu. Eric do passado e Eric do futuro entraram juntos em casa. Alguns minutos se passaram e Eric Bruce voltou com sua mochila encostando o pequeno portão da garagem trancando-o depois. Hector olhando para Eric falou:

– Uma pena não termos um transporte para chegarmos rápido lá.

Eric respondeu:

– Não será necessário detetive. Uma viagem de ônibus será suficiente por enquanto.

O pai de Eric perguntou:

– E temos dinheiro para nós quatro andarmos de ônibus?

– Bem mais do que o suficiente eu diria. – respondeu Eric.

Hector falou:

– Então vamos ganhar tempo.

Jorge, Eric e seu pai concordaram. E então os quatro começaram a caminhar em direção do primeiro ponto de ônibus que encontrassem.

Enquanto caminhavam, Eric Bruce só pensava no fato de como tudo isso iria acabar. Pensava no acontecimento da viagem temporal em sua vida... Refletia se aquela viagem teria sido em vão. Se tudo isso que ele estava passando seria apenas para não dizer ao seu pai para não viajar. Apesar do dia da viagem já ter passado. O que ainda assim, não eliminaria a possibilidade de haver outro evento similar ao que já deveria ter acontecido. Tudo era muito difícil e confuso, mesmo até para o próprio Eric Bruce.

Mas, quanto mais difícil e confuso o contexto de uma decisão correta ficava, mais perto de Eric ela estava de ser tomada. E pela primeira vez nesse espaço de tempo ocupado pela viagem temporal, o sonho que Eric teve, estava começando a fazer um pequeno sentido.

CAPITULO XVII

Duas ou três pessoas desceram do ônibus após Eric e seus acompanhantes. Agora a delegacia estava alguns metros de caminhada e Hector sentia seu coração pulsar mais forte ainda. Eric despreocupado com a situação olhou para a posição do sol e calculou o horário aproximado que seria naquele momento. Jorge com uma careta perguntou a Eric meio sem graça:

– Escuta Eric... É... Não seria melhor perguntar para alguém que horas são?

– Gosto de exercitar a mente meu caro amigo. Isso evita de se ter um raciocínio preguiçoso. Você deveria fazer o mesmo de vez em quando.

– É... Quem sabe outra hora.

– Como quiser.

Cortando o assunto Hector perguntou:

– E agora Eric? Qual o próximo passo?

– Se você entrar lá... Poderá haver sérios problemas no fluxo temporal. Mas não existe outra forma de fazê-lo. Então vamos evitar ao máximo causar danos ao tempo. Vamos fazer o seguinte...

Eric começou a explicar o plano detalhadamente aos três a sua frente. Jorge estava começando achar tudo àquilo interessante, sentia a empolgação tomar seu corpo. O pai de Eric apenas ouvia atenciosamente seu filho falar. Hector sentia que aquele seria mais um dia longo, um dia de muitas emoções e trabalho pesado. E a hora de Eric e seus amigos voltarem para o futuro estava prestes a ser adiada por mais algum tempo.

Terminada a explicação do plano Eric perguntou:

– Alguma pergunta?

Jorge respondeu:

– Só tenho uma coisa a dizer...

– Exponha Jorge. – disse Eric.

– Isso está sendo as melhores férias de fim de ano da minha vida.

Não perdendo mais tempo Eric falou:

– Vamos trabalhar.

Os quatro começaram a caminhar em direção da delegacia. Ficando a poucos passos do local, eles pararam e Eric virou-se para seu pai dizendo:

– Muito bem... Quando descermos pelo elevador você sabe o que fazer.

– Isso vai ser muito fácil pra mim. Não tenha dúvida disso.

Eric deu seu leve sorriso. Os quatro voltaram a andar em direção da delegacia. Ao entrarem, Eric falou para Hector atrás de si:

– Hector, a recepção.

– Certo.

Hector andou em direção do balcão da recepção e colocou suas mãos sobre ele. Uma mulher de mais ou menos uns quarenta anos que se encontrava atrás do móvel olhou pra ele e perguntou:

– Em que posso ajudá-lo?

Hector respondeu:

– O delegado Harter encontra-se no prédio?

– Quem gostaria de saber?

– Sou o detetive Tom Macalister. Estou aqui para tratar de um assunto que só pode apenas chegar aos ouvidos do delegado dessa delegacia.

– Qual o seu distrito detetive Macalister?

– É confidencial.

A mulher anotando algo em uma ficha disse:

– Sei... É o seguinte, o delegado não se encontra no momento, então terá de voltar outra hora. – disse a mulher voltando a olhar os papéis na parte mais baixa de trás do balcão.

Hector tendo argumento alternativo que Eric lhe instruiu caso isso acontecesse, não perdeu tempo e falou:

– Não me importarei de esperá-lo. E não se preocupe, sei qual é o andar.

Rapidamente Hector se virou e foi caminhando em direção do elevador, deixando completamente a mulher sem fala. Sem ninguém perceber, Eric e Jorge entraram junto com Hector no elevador e aguardaram as portas se fecharem. Apertando o botão do terceiro andar Hector olhou para Eric e perguntou:

– Quanto tempo acha que teremos?

– O suficiente.

Jorge meio duvidoso perguntou:

– Mas Eric, o delegado pode voltar a qualquer momento.

– Já cuidei disso.

– Como? – perguntou Hector.

– Enquanto você executava uma de suas partes no plano, eu estava usando o telefone público. Liguei para o único número que seria essencial para o nosso plano.

– Você falou com delegado Harter? – perguntou Jorge.

– Exato. Tenho decorado em minha mente o número do celular do delegado Harter, e fiz com ele ficasse ocupado fora da delegacia tempo suficiente para que executássemos nosso plano.

– E quando foi que ele deu o número dele pra você? – perguntou Hector.

– Na primeira vez em que nos conhecemos.

As portas do elevador se abriram e os três saíram. Eric olhou Jorge e disse:

– Vamos meu caro amigo, é a nossa vez.

Jorge respondeu:

– Isso vai ser divertido.

Jorge e Eric começaram a andar pelo andar como se aquele lugar fosse um parque de diversões. Os detetives do andar não entendendo nada do que estava acontecendo, começaram a tentar impedi-los do que estavam fazendo. E enquanto isso ocorria, Hector foi até um dos computadores do andar e começou a fazer pesquisas nos arquivos da polícia. Jorge e Eric zanzavam de lá para cá, e os detetives enfurecidos, os perseguiam tentando amenizar o máximo da situação. Com tudo isso, Hector não era notado no que estava fazendo.

Com quinze minutos de confusão no andar, Hector desocupou o computador e passou para sua próxima etapa no plano. Ele seguiu Jorge e o agarrou pela gola dizendo com voz ativa:

– Mas que bagunça é essa? Vamos achar seu amigo e resolver isso já seu moleque desmiolado.

Os detetives testemunhando que alguém conseguiu tomar conta do assunto ficaram apenas observando. Com força, Hector arrastava Jorge pelo colarinho atrás de Eric para também pegá-lo. Não demorou muito para que o colarinho de Eric estivesse entre os dedos de Hector. Os dois eram arrastados com resmungos inacabáveis até o elevador. Vendo que a situação estava resolvida, os detetives deixaram a despreocupação tomar seus corpos e voltaram a realizar seus trabalhos. Apertando o botão do elevador, Hector aguardava esse subir com dois peraltas resmungos em suas mãos. As portas do elevador se abriram e Hector jogou Eric e Jorge dentro dele entrando em seguida. As portas se fecharam e Hector apertou o botão do térreo. Não havendo mais ninguém além deles, Jorge falou passando a mão no pescoço:

– Porque não aproveita e segue a carreira de ator hein?

Hector respondeu:

– Desculpe por isso Jorge. Mas tinha que parecer real.

– É... Mas, da próxima vez... Pega mais leve tá?

– Farei o possível.

Eric ajeitando sua camiseta perguntou em tom sério:

– Conseguiu?

Hector respondeu:

– Sim. Eles já estiveram presos antes.

– Ótimo. Preparem-se para o último passo desse plano.

As portas do elevador se abriram novamente e a encenação reiniciou. Enquanto Hector puxava Eric e Jorge pelos

colarinhos, o pai de Eric vinha na direção deles dizendo com semblante muito furioso:

– Seus moleques de meia tigela! Eu disse para me esperarem naqueles bancos de espera, e o que vocês fazem? Andam por esse lugar como se aqui fosse à casa da mãe Joana. Não posso sair do alcance de vocês por um segundo que vocês bagunçam o coreto. – o pai de Eric fez uma breve pausa e olhou para o detetive Hector dizendo: – Me desculpe por isso detetive, mas isso não irá se repetir. Isso eu garanto. Vou levar esses moleques pra casa agora mesmo.

Seguindo o roteiro do plano de Eric, Hector falou:

– Sinto muito, mas antes vocês terão de me acompanhar até a outra delegacia.

As pessoas ao redor observavam o acontecimento, impressionadas. Hector olhou para a mulher do balcão de recepção e disse a ela:

– Voltarei outra hora para falar com o delegado.

A mulher respondeu como se nem desse bola:

– Você é quem sabe.

Hector voltou a olhar os três falando:

– Vamos. Por favor, me acompanhem.

O pai de Eric apenas respondeu:

– Sim, senhor.

Os quatro saíram da delegacia deixando várias pessoas pasmadas com a situação escandalosa. Apesar de já ter acontecido coisas muito piores do que essa.

Já estando a uma distância razoável da delegacia, Eric e seus companheiros pararam e olharam um para o outro. Não

podendo mais segurar, Hector, Jorge e o pai de Eric começaram a rir sem parar. Eric apenas observava com seu semblante sério a espera do termino da graça. Não durando muito as risadas, a graça se perdeu e Eric então falou:

– Muito bem... O que tem pra mim detetive Hector?

– Tenho endereço completo da ficha deles.

– Ótimo. Então vamos pegar de volta o que nos pertence.

– Só uma coisa Eric... – disse Hector.

– O que detetive?

– Como pode ter tanta certeza de que eles estarão no mesmo endereço?

– Porque ladrões amadores detetive... – Eric fez uma breve pausa e concluiu: – Sempre voltam ao seu lugar de origem.

CAPITULO XVIII

O senhor Thomas Bruce terminava de assinar os papeis do carro recuperado pelo DETRAN enquanto Eric, Jorge e Hector aguardavam no pátio de veículos. Olhando o local, vendo todos aqueles carros, Eric se lembrava do caso em que participou há seis meses. O delegado Harter investigava o caso há mais de dez anos, e nesse tempo todo ele nunca conseguiu solucionar o caso junto de sua equipe treinada de detetives. Mas graças a Eric, em menos de uma semana com sua participação no caso, os bandidos estavam atrás das grades se perguntando como um garoto de dezesseis anos havia capturado eles. Um caso que envolvia um plano muito bem arquitetado e organizado por esses criminosos. Com seu leve sorriso, Eric se lembrava de como foi divertido enganá-los naquele ferro velho com seu relógio holográfico. Expressões de horror e fúria moldaram os rostos daqueles bandidos. Um tiroteio incontrolável sucedeu naquele lugar. Eric se orgulhava do que havia feito junto de seus amigos: Jorge, Juliana, Marcos e é claro também o detetive Hector.

Hector vendo que Eric estava pensativo lhe perguntou:

– Em que está pensando?

Eric ainda com seu leve sorriso, olhou Hector respondendo:

– Na nossa operação de seis meses atrás.

Hector sorriu e olhou todos aqueles veículos soltando uma leve risada em seguida dizendo:

– Você ainda lembra-se disso? É... Você impressionou muita gente naquele departamento. Se quiser saber... Muitos

detetives ainda não esqueceram o que aconteceu naquela época. Ainda é um assunto muito comentado naquele andar.

Jorge entrando na conversa disse:

– Tenho certeza de que ficou marcado na vida daquelas pessoas. Afinal... Não é todo dia que um garoto de dezesseis anos faz uma coisa dessas.

Eric deu seu leve sorriso novamente e voltou a olhar os carros. Silenciosamente, os três observavam aqueles carros pensativos. Ouvindo-se passos atrás deles, eles olharam para trás e viram o senhor Thomas se aproximar com as chaves do carro e uma cópia dos papéis assinados em suas mãos. Com seus olhos azuis penetrantes, Hector olhou Eric perguntando:

– E agora? Qual é o seu plano genial para pegar aqueles ladrões amadores? Já que os chama assim.

Eric respondeu voltando a olhar o pátio:

– Não temos tempo para eu contar tudo aqui, então farei isso no caminho para lá.

– Então vamos logo, faltam algumas horas para escurecer.
– disse o pai de Eric.

E assim fizeram.

Já estando entre o trânsito, o pai de Eric conduzia o carro em direção do endereço que o detetive Hector lhe havia instruído. E enquanto isso ocorria, Jorge aproveitou para perguntar a Eric:

– E então Eric? Qual era o seu plano que você ia nos contar?

Eric olhou em direção de suas pernas com seu semblante sério e então respondeu:

– Que bom que perguntou meu caro amigo. Quero que todos escutem atentamente o que eu vou falar. É de extrema importância que ninguém se machuque com esse plano.

Hector falou por todos:

– Estamos ouvindo.

Sem hesitar, Eric iniciou a narrar seu plano. Todos ouviam atentamente o que ele dizia. Cada detalhe foi explicado e revisado. Em nenhum momento o plano poderia sair errado, tudo deveria ser cumprido severamente e com seriedade. Eric distribuía cada passo do esquema a cada um dos membros dentro do carro. E enquanto Eric o fazia, Hector pegava sua P40 e fazia sua checagem, verificando sua munição e desempenho mecânico.

Duraram-se vinte minutos de viagem. Jorge olhava o lugar e notava que não era nada daquilo que ele pensava. A surpresa não havia tomado apenas Jorge, Hector e o pai de Eric também ficaram surpresos. Pois de fato, era um bairro nobre, com lindas mansões e belos carros estacionados em suas garagens. A impressão só não tomou Eric porque ele sabia que o lugar onde os ladrões se encontrariam seria num local assim.

O senhor Thomas Bruce diminuiu a velocidade do veículo com o propósito de encontrar o número da casa. Hector, Eric e Jorge também começaram a procurá-lo. O número da casa era 596. Todos olhavam de um lado para o outro na perspectiva de achá-lo. Jorge viu o mesmo número em uma das casas que ficavam para trás do lado direito. Rapidamente ele falou:

– Achei!

No mesmo instante o pai de Eric freou o carro. Ele olhou para Jorge perguntando:

– Onde?

Jorge respondeu apontando para trás:

– Duas casas pra trás.

O pai de Eric acelerou novamente o veículo lentamente e estacionou num lado da rua. Desligou o carro e falou:

– Bem... Chegamos ao endereço, e agora?

Eric respondeu com semblante sério:

– Iniciaremos a fase um.

– Tenham cuidado meninos. – disse Hector.

Eric e Jorge desceram do carro e fecharam as portas. Começaram a caminhar em direção da casa. Eric ajustou o sistema do relógio holográfico em seu pulso com a maior tranquilidade do mundo, não havia nenhum temor em seu coração. Estava totalmente confiante. Jorge pelo contrário, sentia-se um pouco apavorado, ele se lembrava de que os homens estavam armados. Mesmo que sua parte no plano era apenas dar o sinal para Hector e o pai de Eric, ainda sim sentia seu coração pulsar fortemente, com a adrenalina correndo o seu corpo. Eric olhou para Jorge e disse:

– Tudo bem Jorge, este é o ponto em que você deve ficar. Agora é comigo.

Jorge parou e disse passando as mãos em seus cabelos:

– Boa sorte, amigo. Espero que dê tudo certo.

– Dará meu caro amigo. Fique tranquilo. – disse Eric.

Eric deu seu leve sorriso virando-se, deixando Jorge para trás e indo na direção da casa onde ele torcia dentro si fortemente para que os bandidos estivessem lá. Os mesmos bandidos que roubaram seu relógio favorito e despertaram sua raiva. Eric estava disposto à pega-los e fazê-los pagar pelo que fizeram. Não haveria



misericórdia da parte de Eric, não haveria compaixão. Tudo seria posto em pratos limpos.

Chegando a um belo portão vazado de metal escuro, com uma altura razoável, Eric apertou um dos botões do lado esquerdo do relógio e ajeitou a mochila em suas costas. O desenho e o modelo da casa eram estonteantes, Eric admitiu dentro si mesmo que de fato era uma linda mansão. Como o portão não tinha nenhuma cerca elétrica, pelo fato de ser um bairro nobre de classe alta, Eric escalou-o e pulou para o outro lado. Andando no meio de uma trilha de concreto entre o gramado e um belo jardim, Eric notou que não havia animal de nenhuma espécie. Ninguém havia notado sua entrada. Até aquele momento estava tudo calmo. Mas no minuto seguinte, um homem que usava uma bermuda vermelha e uma camiseta branca, saiu do corredor lateral da casa, avistou Eric e com toda força gritou:

– Ei! Parado aí! Quem é você?

Eric parou e então respondeu ao homem que estava a vinte metros a sua frente:

– Estou aqui para negociar. Se não ouvir o que eu tenho a dizer as coisas irão complicar para o seu lado.

Ignorando o que Eric havia acabado de dizer, respondeu sem hesitar:

– Ah! Agora eu me lembro de você. É o moleque que roubei o relógio.

Eric confirmou rapidamente:

– Exato. Eu e meus amigos.

– Pois fique sabendo que se não sair daqui, eu vou te meter bala.

– Belo argumento pra quem mora em um lugar como esse. Você deve ter estudado em uma universidade daquelas. – disse Eric ironicamente.

– Não vou dizer de novo.

– Tem certeza de que não quer negociar?

– Negociar o quê?

– Você e seu amigo, que no momento não está aqui, devolvem o que nos foi roubado e nós esqueceremos tudo o que aconteceu.

– Que tal fazermos outro seguinte? Você sai daqui de fininho e eu não mato você. O que acha?

– Não me subestime. Não sabe com quem está mexendo.

O homem sacou o revolver que estava debaixo de sua camiseta e apontou para Eric dizendo:

– Aé? Por acaso, você é o super-homem?

– Quem sabe?

Outra voz disse atrás do homem:

– Afinal, o mundo é uma caixinha de surpresas.

O homem repentinamente virou-se com a arma ainda na mão, apontando para quem quer que fosse naquele momento. Espantado com o que estava vendo, o homem apontava rapidamente para os dois lados, mexendo rapidamente seu braço de um lado para o outro. Rapidamente o terror tomou o coração e a face daquele homem, deixando-o totalmente sem fala e cheio de dúvida. Havia mais de um Eric naquele instante. E um deles voltou a dizer:

– E então? Vai negociar?

Mesmo testemunhando tal acontecimento, o homem não voltou atrás de sua decisão. Ele apontou o revólver para uns dos Eric's e então resolveu dar uma simples resposta:

– Não.

O Eric a qual estava na mira do homem apenas falou:

– Acabou de cometer um grande erro.

No mesmo instante o homem disparou o revólver em Eric. Como um fantasma a imagem de Eric sumiu rapidamente. O homem se virou para disparar no outro que estava atrás, mas esse havia sumido também. Apavorado o homem gritou várias vezes chamando seu amigo, que no segundo seguinte apareceu atrás dele dizendo:

– O que foi Jason?

O homem respondeu:

– Não estamos sozinhos Hugo.

O homem que levava o nome de Hugo era um pouco mais alto que Jason. Estava usando uma bermuda azul e uma camiseta preta de manga curta estampada com o emblema da MTV. Hugo sacou sua arma também dizendo:

– Quem é o intrometido?

A certa distância deles Eric respondeu à pergunta:

– O seu pior pesadelo.

– Lá está ele! – gritou Jason.

Eric começou a correr, um tiroteio se iniciou e muitas balas começaram a voar. Jorge que estava a uma distância suficiente da casa, ouviu o tiroteio e deu o sinal a Hector e o pai de Eric. Acelerando o carro, o pai de Eric manobrou e foi em direção da casa onde ocorria o tiroteio. Pisando mais fundo ainda, o pai de

Eric fez com que o carro arrebentasse o portão e entrasse na propriedade. Hector saiu rapidamente do carro, sacando sua arma gritou aos homens que disparavam loucamente naquele garoto que corria para todos os lados:

– Aqui é a polícia, levantem as mãos agora!

Mas a ordem foi respondida com balas acertando a lataria do carro. Hector se abaixou rapidamente engatilhando sua arma. As balas começaram a acertar o vidro frontal do carro, o senhor Thomas Bruce ligeiramente deitou nos bancos. Hector sem hesitar respondia aos tiros dos bandidos. Eric para ajudar empurrou um dos homens fazendo-o cair no chão e levando outro tiro em seguida. Mas era uma de suas imagens falsas do relógio holográfico. O homem que ainda estava de pé continuava disparando e Hector respondendo aos disparos. Abaixado Hector percebeu que o revolver do bandido estava descarregado, ele aproveitou e levantou rapidamente dizendo:

– Largue a arma!

O homem logo obedeceu. Hector se aproximou rapidamente e chutou o revolver no chão para lado. Pegou as algemas que tinha e colocou um dos braceletes em um dos punhos do homem dizendo com a arma apontada para ele:

– Mande o seu amigo também largar a dele.

E assim foi feito. Hector fez o homem colocar as mãos para trás colocando o outro bracelete no braço que faltava e fez com que ele deitasse no chão. Rapidamente Hector pegou as algemas reservas e fez o mesmo no outro bandido que ainda estava no chão por Eric o ter empurrado. Hector apontou a pistola para a cabeça de um dos bandidos e perguntou:

– Onde estão os pertences que vocês nos roubaram?

O homem a qual se chamava Jason respondeu com uma risada sarcástica:

– Vocês deram muita sorte da gente não ter vendido ainda aqueles bagulhos.

– Onde! – Gritou Hector puxando os cabelos negros do homem.

Eric se aproximou dizendo:

– Não precisa mais perguntar detetive. Eu já os encontrei. E estou admirado que apenas dois homens, ocupavam um domicílio desse porte. Não havia mais ninguém na casa. O que se define que a casa não pertencia a eles com certeza.

– É... Mas, vamos deixar que a polícia local resolva esse assunto, não vamos nos envolver. Vamos embora daqui. – disse Hector largando a cabeça do homem com força.

Eric olhou em volta e perguntou:

– Onde está Jorge?

O pai de Eric se aproximou e respondeu:

– Tenho a absoluta certeza de que ele está onde o deixamos.

Eric deu seu leve sorriso e disse:

– Vamos embora então. Já liguei para polícia local dentro da casa.

Os três caminharam em direção do Monza cheio de furos na lataria. Ao ver o carro naquele estado, Hector disse ao senhor Thomas Bruce:

– Sinto muito por isso.

Eles entraram no carro e então o pai de Eric respondeu:

– Tudo bem. Nada que um concertinho não resolva. O que importa é que vocês voltem para o seu tempo a salvos. Essa viagem temporal já se estendeu de mais pra vocês.

O pai de Eric deu a partida e engatou a ré deixando para trás os bandidos no chão imobilizados pelas algemas. Vendo Jorge sentado no meio fio da calçada cabisbaixo, o pai de Eric parou o carro perto dizendo:

– Acabou Jorge. Já podemos ir.

Jorge se levantou e entrou no carro silencioso. E então eles partiram.



CAPITULO XIX

Após ter estacionado o carro na garagem, o pai de Eric desligou o motor e retirou a chave da ignição. Ele olhou para Jorge que esteve silencioso durante a viagem toda e lhe disse:

– Finja que não aconteceu. Pense que agora você vai voltar seguro pra casa.

Jorge olhou o pai de Eric e respondeu:

– Não, tudo bem. Vou ficar bem. É que eu estava pensando... Como aqueles tipos de pessoas conseguem fazer o que fazem? Quero dizer... Como eles têm coração pra isso?

O pai de Eric não hesitou em responder as duas perguntas:

– Eles não têm coração Jorge. Logo se eles não têm coração... Eles não têm alma.

Eric levemente contraiu os olhos para seu pai. Hector suspirando levemente falou olhando pra frente:

– Bom... Seja como for... Agora eles vão pagar pelo que fizeram.

– Talvez não por muito tempo detetive. – disse Eric.

– É eu sei. Mas não podemos fazer mais nada.

Hector abriu a porta do carro e saiu. Os três que haviam ficado também saíram. O pai de Eric fechou o portão e seguiu os que entravam na casa. Encontrando sua esposa Ana na entrada, lhe selou os lábios e essa perguntou:

– O que houve com o carro meu amor? Vocês foram assaltados?

– Quase. Mas está tudo bem. A polícia já resolveu isso. Estamos todos bem.

– Ainda bem, se não eu teria um treco. Não sei se conseguiria viver sem você.

Eric ao ouvir a última frase congelou seu corpo. Bilhões de sinapses começaram a se formar na sua cabeça, inúmeros pensamentos lhe ocorreram naquela fração de segundo. Seu coração pulsava velozmente, e sua decisão tomada começou novamente a ser repensada. Aquela não era uma boa hora para Eric. Sua mente acordou para a mais dura realidade naquele momento. Inevitavelmente, Eric pensou: *“Devo voltar atrás? Devo manter minha decisão? Qual será o caminho certo?”* Eric passou as mãos em seus cabelos escuros arrepiados; mais uma vez ele estava preocupado e confuso. Só que dessa vez ele precisava pensar rápido. Eric decidira que já haviam ficado tempo demais no passado, e que as interações com sua mãe nessa época não podiam continuar. Pensando nesse fato, Eric decidiu não voltar atrás na sua decisão. Ele não iria impedir a morte de seu pai, iria conviver com isso até o fim de sua vida. Eric sabia muito bem que sua mãe resistiu a esse fato no futuro. Ela resistiria novamente com certeza. Ironicamente, era uma pequena questão de tempo.

Todos foram para cozinha enquanto Jorge e Eric ficaram. Jorge vendo que seu amigo estava pensativo lhe perguntou em tom de voz baixo:

– Tudo bem amigão? Ainda está se decidindo sobre aquilo que viemos fazer aqui?

Eric olhou Jorge com seu semblante sério respondendo:

– Não mais. Já está decidido. Hoje mesmo vamos voltar para o futuro.

Jorge querendo se aproveitar da situação perguntou:

– Será que antes de nós fazemos isso... Bem... É... Hãh... Será que não poderíamos ver quais são os números premiados da loteria do último sorteio do ano em que estávamos antes de virmos para o passado?

Eric deu um leve sorriso breve e ficou sério novamente respondendo:

– Não.

– Ah! Por favor, amigão. Pela nossa amizade. – disse Jorge.

– Não. – disse Eric.

– Ah! Qual é cara? Por favor.

– Não insista Jorge, meu caro. Não desenvolvi o relógio do tempo para isso.

– Tá bem... Mas, você poderia ter um trilhão de reais se quisesse.

– Mas não quero. É viável deixar o curso natural das coisas acontecerem.

– Tá legal sabe tudo. As chances de negociar com você são zero.

Jorge foi para a cozinha sentido o bom aroma do café que estava sendo servido. Eric olhou lentamente em volta decidindo também ir para a cozinha tomar café, um café que só sua mãe sabia fazer. Apesar de aquele não ser o momento adequado para Eric pronunciar a palavra mãe para a senhora Ana Bruce. O que tornava isso tudo muito irônico. Com isso Eric percebia que conviver e interagir com seu passado, era de fato muito estranho. Isso com certeza, em uma pequena junção de cadeias de eventos, desgastava um pouco com a mente de Eric, mesmo ele sendo um gênio.

Eric se aproximou da mesa e sua mãe olhou-o dizendo:

– Sente-se Douglas. Aceita uma xícara de café ou você quer tomar um achocolatado?

Eric olhou para ele mesmo, e viu que estava tomando achocolatado. Então pensou: “*Seria interessante tomar duas coisas diferentes ao mesmo tempo.*” Eric olhou novamente sua mãe e respondeu:

– Aceito uma xícara de café. Obrigado.

Eric queria executar um desejo na qual só ele naquele momento, nesse mundo, poderia realizar. E graças à ciência, esse desejo foi realizado, com orgulho por Eric.

Querendo puxar um assunto, a senhora Ana Bruce perguntou ao detetive Hector:

– E então quando vocês partem?

Hector e Eric se olharam ao mesmo tempo. Eric não hesitou em responder por Hector:

– Hoje mesmo. E pra ser mais específico, daqui a pouco. Assim que encerrarmos o café.

O senhor Thomas Bruce olhou para o seu filho um pouco surpreso. Mas logo compreendeu.

– Ah que pena. Gostei tanto de vocês. – disse a mãe de Eric.

– Não se preocupe nos encontraremos mais vezes. – disse Eric.

Eric olhou para seu pai e lhe perguntou:

– Você pode nos dar uma carona até a rodoviária?

– Claro. Será um prazer. – respondeu o pai de Eric.

Eric fez um leve aceno com a cabeça e deu uma enorme golada na xícara de café. Após isso, muitos assuntos e conversas se iniciaram naquele fim de tarde. À hora de Eric e seus companheiros voltarem para o futuro estava muito próxima. Eric quis aproveitar o máximo aquele momento que estava com seu pai.

Eric aprendeu muito nessa viagem temporal. Aprendeu sobre os valores da vida, do curso tempo, da história e de muitos fatos que ocorreram naquele dia. Vivenciou momentos que jamais esqueceria. Lidou com complicações de sua vida, enfrentou alemães nazistas, e participou da história sombria da segunda guerra mundial. Novamente capturou bandidos, ladrões perigosos, mas que ele mesmo, Eric Bruce, considerava amadores. No conceito de Eric Bruce, essa foi a melhor viagem de sua vida. Mas, uma viagem que só poderia ficar em suas lembranças e entre seus amigos Jorge e Hector. E principalmente é claro, seu pai.

Olhando para seu relógio holográfico, Eric quis se notificar do horário. Percebendo que já era hora de partir, suspirou dizendo a todos:

- Bem... Nosso tempo acabou. É hora de irmos.
- Tem certeza de que não quer ficar mais um pouquinho?
- perguntou sua mãe.
- Gostaria muito, mas isso já não é mais possível. – respondeu Eric.

Todos se levantaram e se encaminharam para a sala. Pegando sua mochila que estava no sofá, Eric colocou-a nas costas perguntando:

– A senhora poderia dizer-me, onde está meu pequeno tubo de metal que havia deixando em cima da mesa quando nós saímos mais cedo?

Sua mãe respondeu:

– Eu imaginei que era seu aquilo, então guardei em meu quarto lá em cima. Espere que eu vou buscar.

A mãe de Eric deixou a sala por uns instantes e Hector perguntou:

– Onde está o relógio do tempo?

Eric o tirou da mochila dizendo:

– Está aqui. E por falar nisso... Aqui estão os pertences de vocês.

Eric devolveu os pertences aos seus respectivos donos e então fechou a mochila. A senhora Ana Bruce voltou com o tubo de Eric na mão falando-lhe:

– Pronto. Aqui está.

Eric agradeceu. Não havendo mais nada a se fazer Eric falou:

– Então... Muito obrigado pela hospedagem e pela tolerância conosco.

– Imagina, foi muito bom receber vocês aqui. – disse a mãe de Eric.

Então Eric abraçou brevemente sua mãe, como se não fosse vê-la por muito tempo. O que de fato seria verdade para mãe de Eric, pois se passaria muito tempo até se encontrarem de novo. Jorge e Hector fizeram o mesmo, incluindo o pequeno Eric. Hector fez um cafuné na cabeça do pequeno Eric e disse:

– Se cuida juvenzinho. E não deixe que os andróides do mal vençam os do bem.

– Tá bem. – disse o pequeno Eric.

Eric se aproximou de si mesmo e lhe falou:

– Sempre vença as complicações, não importa quantas sejam. Está bem?

O pequeno Eric confirmou. Eric colocou o tubo na mochila e então disse a sua mãe:

– Até logo senhora Ana Bruce. E mais uma vez, obrigado.

– Até logo Douglas.

Eric saiu pela porta, seguido de seus companheiros Jorge e Hector, que também se despediram. O pai de Eric disse a sua esposa que voltaria logo, e então também saiu pela porta. O pai de Eric abriu o portão da garagem e entrou no carro junto com Eric e seus amigos. Ligou o carro e engatou a marcha ré acelerando levemente. Manobrou o veículo para o lado esquerdo e seguiu em sentido da direita deixando para trás o domicílio. Após terem saído, a mãe de Eric fechou o portão por questão de segurança e entrou em casa.

Conduzindo o carro o pai de Eric perguntou:

– Aonde devo deixá-los?

Eric respondeu:

– No hotel mais próximo daqui.

CAPITULO XX

Mais uma vez, Eric estava silencioso e absorto em seus pensamentos. Sentia um frio na barriga só de pensar que não veria mais o seu pai. Para o pensamento de Eric, aquele era o último momento, e que teria de se acostumar com isso cada segundo de sua vida. Teria de aceitar. Eric estava aprendendo que mesmo ele tendo a mente brilhante que tinha, ainda sim, havia muito que aprender. Eric via que em um universo tão imenso, seu conhecimento era ínfimo por comparação. O que de certa forma não o entristecia, e sim muito pelo contrário. Pois para Eric, explorar o universo era um imenso prazer. Fazia-lhe pensar que o mistério estava a sua espera. Que belas coisas lhe aguardavam, e que um dia ele iria descobri-las.

O hotel em que o senhor Thomas Bruce estacionou próximo, era o mesmo hotel onde Eric e seus companheiros haviam ficado antes. O motor foi desligado e logo em seguida todos abriram as portas do carro saindo quase ao mesmo tempo. O pai de Eric se aproximou do seu filho e seus companheiros com a intenção de se despedir-se dizendo:

– Bem... Já está quase escurecendo, e pelo que eu vejo... Essa é a última vez que nos encontraremos nessa época.

Eric com seu leve sorriso respondeu:

– Parece que sim. – Eric sentiu-se um pouco aflito naquele momento. – Obrigado por tudo... Pai.

– Foi um prazer.

Hector estendeu a mão para o senhor Thomas Bruce dizendo:

– Tchau senhor Bruce. Foi um prazer conhecê-lo.

O pai de Eric apertou a mão de Hector e respondeu:

– O prazer foi meu.

Jorge fez o mesmo. Eric sendo o último a despedir de seu pai abraçou-o e lhe disse:

– Quero que saiba que eu amo você.

– Eu também meu filho. Encontrar-nos-emos novamente no futuro. – disse o pai de Eric.

Eric sentiu vontade de chorar nesse momento, mas segurou. Não queria estragar sua decisão. Largou seu pai e lhe disse:

– Até mais então.

– Até mais.

O pai de Eric se virou e andou até a porta do motorista. Abriu ela e olhou para os três que estavam do lado oposto do carro, ele disse:

– Tchau pessoal. Voltem com segurança.

Eric e seus companheiros retribuíram a saudação, e seguiram com os olhos o senhor Thomas Bruce entrar no carro e ir embora. Hector olhando para o hotel que estava a alguns passos perguntou a Eric:

– E agora Eric? O que vamos fazer?

Eric respondeu:

– Ainda preciso inserir a bateria no relógio. Vamos usar uma das mesas do restaurante do hotel. Vamos.

Os três começaram a caminhar em direção do hotel. Ao entrarem seguiram diretamente para o restaurante. Escolheram

uma mesa e se sentaram. Eric abriu a mochila e retirou as ferramentas do relógio. Virou o relógio do tempo de costas começando a desparafusar a tampa do compartimento de bateria. Jorge e Hector observavam tudo. Eric retirou a tampa e colocou em cima mesa. Pegou o pequeno tubo de metal que estava na mochila e retirou a pequena bateria nuclear com cuidado. Inseriu-a no compartimento do relógio, tampando-o em seguida. Recolocou os parafusos e apertou-os. Eric virou o relógio para ver como estava seu funcionamento. Os contadores obravam normalmente. Eric verificou o sistema de deslocamento temporal. Estava em ordem, funcionava muito bem. O relógio estava pronto para levá-los pra casa, levá-los para o futuro.

Eric olhou para seus companheiros e lhes disse:

– O relógio do tempo está pronto.

Jorge perguntou:

– Mas, e agora? Qual é o lugar apropriado para nós viajarmos para o futuro? Quero dizer... Não podemos fazer isso aqui.

Eric respondeu:

– Nisso você está correto meu caro amigo. Por isso teremos de voltar para a minha rua.

– Mas Eric, seu pai acabou de nos trazer aqui. – disse Hector.

– Eu sei detetive. Mas eu fiz umas pequenas modificações no relógio.

– Que modificações? – perguntou Hector.

– Agora eu posso fazer nós sermos arremessados onde eu quiser dentro da distância de cinco metros. O que significa que voltaremos para o lugar de onde saímos inicialmente.

– Seu quarto? – perguntou Jorge.

– Exato meu caro amigo. – respondeu Eric.

– Bom... Se você está dizendo, então o que estamos esperando? – perguntou Hector.

– Anoitecer. Esperar que todos lá em casa, já estejam dormindo. – respondeu Eric.

– Então ficaremos aqui sem fazer nada por algum tempo? – perguntou Hector.

Eric respondeu olhando para o relógio:

– Exato.

CAPITULO XXI

Já passava das 02h00min da madrugada quando Eric e seus companheiros caminhavam rumo à casa que haviam estado antes. A casa de Eric. A temperatura havia caído um pouco, as ruas estavam quase vazias e o vento soprava levemente no sentido contrário de Eric e seus amigos. O silêncio era quase total naquele momento. E isso fazia com que Hector ficasse sempre em guarda.

Faltavam poucos passos, a casa de Eric estava próxima. Estavam do lado oposto da rua, exatamente cinco metros longe da calçada oposta. Andaram mais um pouco e então pararam na frente da casa de Eric, ainda cinco metros longes. Viram que a casa estava escura, não havia nenhuma luz acesa. Eric então falou:

– Muito bem. Chegou o momento. Estão prontos?

Jorge e Hector confirmaram que sim. Eric continuou:

– Então fiquem mais perto de mim.

Jorge e Hector assim fizeram. Apertando os botões do relógio do tempo, Eric ajustou a mesma data, ano e hora que estiveram no início da viagem. Eles voltariam para o futuro como se nunca tivessem saído de lá. Como se nunca tivessem feito a viagem. Eric falou:

– Fechem os olhos e preparem-se para a queda. Prontos?

Jorge e Hector fecharam os olhos respondendo:

– Pronto.

Eric fechou os olhos e disse:

– Então lá vamos nós.

Em seguida Eric apertou o botão de deslocamento temporal. Novamente eles ouviram ecoar barulhos de raios elétricos e no momento seguinte, sentiram seus corpos serem arremessados no chão. Tontos, os três arcavam em levantar seus corpos doloridos. Eric coçou os olhos e olhou em volta. Logo reconheceu o lugar, era o seu quarto finalmente. Estava do jeito que havia deixado quando viajou no tempo. Olhou para sua mesa de computador e viu seus livros favoritos de ciência e física quântica. Hector e Jorge meio atordoados também olharam em volta. Reconheceram o quarto de Eric. Folheando um dos livros, Eric ouviu sua mãe dizer lá em baixo:

– Filho? Está tudo bem? Que barulho foi esse?

Eric olhou seus amigos e respondeu:

– Não foi nada mãe, foi meu livro que caiu. Eu e meus amigos já vamos descer, tá?

– Tudo bem então.

Jorge assobiou de alívio e disse:

– Essa foi por muito pouco. Ainda bem que ela não subiu aqui.

– Ainda bem mesmo. – complementou Hector.

Eric guardou o relógio do tempo na sua caixinha original e escondeu-o em um compartimento secreto em seu guarda-roupa. Retirou da mochila o dinheiro que havia sobrado e guardou em seu cofre em miniatura. Encostou a mochila em algum canto e disse:

– Vamos descer.

Antes de o fazerem, Hector falou:

– Eu não sei se vocês estão lembrados, mas... Eu tinha vindo aqui para levá-los para jantar fora e... Ainda quero fazer isso. Eu pago tudo dessa vez. O que acham?

Eric respondeu:

– Não é má ideia detetive, por mim está tudo certo. E por você Jorge?

– Contanto que me levem pra casa, tudo bem. Só preciso avisar minha mãe, posso usar seu telefone Eric? – disse Jorge.

– Claro que pode, vamos descer.

Um a um saiu do quarto e Eric sendo o último a sair, apagou a luz. Todos desceram juntos rumo à sala de estar. Dizendo a Jorge que podia usar o telefone à vontade, Eric sentiu sua mãe chegar atrás de si perguntando:

– Hector já lhe falou que vai levá-lo para jantar fora?

Eric respondeu:

– Sim, falou. Jorge está telefonando para mãe dele para avisar que vai junto.

– Que bom então. – disse a mãe de Eric.

Jorge terminou de usar o telefone dizendo:

– Está tudo certo. Podemos ir.

A mãe de Eric sorriu e falou:

– Então se divirtam. E detetive, cuide bem desses meninos. Principalmente Eric, que ultimamente tem tido umas ideias meio esquisitas.

Hector respondeu com um leve sorriso:

– Pode deixar. E lhe prometo que Eric não terá mais ideias por hoje. – terminou olhando para Eric.

– Ótimo. – disse a mãe de Eric ainda sorrindo.

Os três iam sair quando a mãe de Eric disse pela última vez:

– Sabe, agora que estou olhando melhor vocês, são muito semelhantes com umas pessoas que estiveram aqui no passado. Coisa esquisita né?

Eric respondeu:

– Tchau mãe. A gente se vê mais tarde.

– Tchau.

Os três deixaram a sala.

Hector destravou seu Vectra preto e olhou para Eric com a intenção de fazer uma pergunta, então perguntou:

– Já pensou se sua mãe desconfia mesmo que éramos mesmo nós?

Eric respondeu com seu leve sorriso:

– Não haveria a menor possibilidade disso. A mente humana tem capacidade de apagar dados antigos muito facilmente. O que significa que minha mãe não deu muita importância para os nossos rostos naquela época e esqueceu como éramos. Além do fato de ela poder achar tudo isso uma loucura ímpar.

– Você tem argumento pra tudo, credo. – disse Hector.

Os três entraram no carro. Hector colocou a chave no contato e ficou por um instante olhando para o vazio. Girou a chave e logo já estava pisando na embreagem engatando a primeira marcha. Acelerou começando a conduzir o carro, enquanto Eric e Jorge colocavam o sinto de segurança.

E enquanto estavam em movimento, Hector e Eric falavam de tudo o que haviam passado na viagem temporal. Jorge por outro lado, apenas observava a vista de sua janela. Estava feliz e despreocupado.

Com quinze minutos de viagem, Hector finalmente entrou num modesto estacionamento de um restaurante da grande São Paulo. O que o estacionamento não tinha de tamanho, o restaurante compensava, não só em tamanho, mas também em beleza arquitetônica. Com janelas bem desenhadas e um estilo de construção árabe surpreendente. Era um lugar realmente exótico; Eric e Jorge aprovaram. Os três entraram no restaurante e prontamente escolheram um bom lugar para se realizar o jantar depois de uma semana cheia de aventuras. Uma semana que em termos técnicos para Eric, durou apenas uma fração de segundo.

Mas, mesmo após um evento como esse, a noite estava cem por cento ótima para se relaxar num restaurante como aquele. Estava tudo começando a ficar perfeito. A noite seria uma criança.

No meio do jantar muitos assuntos se desencadearam, e como sempre, Jorge se aproveitava o máximo da situação, fazendo pedidos que custavam o olho da cara sem se importar. Sorte a dele de Hector não se importar nenhum pouquinho com o tamanho da conta naquela noite, Jorge estava livre para pedir o quisesse.

Hector querendo puxar um assunto específico com Eric, perguntou a ele:

– Agora que nós voltamos dessa viagem temporal, eu queria saber... Já que não fizemos nada a respeito de seu pai, o que você fará com o relógio do tempo?

Eric com seu semblante sério, respondeu:

– Por enquanto o mantereí guardado. Ainda não decidi qual será o seu fim.

– Sabe... Se o relógio fosse meu... Eu o manteria guardado por muito tempo. Pois, ironicamente de certa forma, não sabemos qual será o futuro do amanhã. – disse Hector.

– Nisso você tem razão detetive. Talvez eu faça isso mesmo, mas mesmo assim... Há certas coisas que não podemos mudar. Há certas coisas detetive... Que são inevitáveis. Quer queiramos, ou não.

– É você tem razão. O tempo sempre continuará passando.

Jorge querendo aproveitar o assunto falou:

– Mas existem certas coisas que podemos evitar.

Eric imaginou que fim iria ter essa conversa, mas fingiu ser curioso em saber o que era.

– O que, por exemplo, Jorge? – perguntou Eric.

– Ah! Podemos evitar que outras pessoas ganhem na loteria, assim a gente pode pegar o prêmio para nós. – respondeu Jorge.

– Já conversamos sobre isso Jorge. Não comece de novo. – disse Eric.

– Ah! Tá bom. Que cara chato, eu hein.

Hector riu descontraidamente com a situação da conversa. Os três se divertiram muito com o passar das horas.

Na sobremesa, enquanto Hector e Jorge conversavam sobre cinema, Eric ficou absorto em seus pensamentos rotineiros. Sua mente brilhante não parava de processar, estava sempre estabelecendo sinapses contínuas e conclusivas. Bilhões delas formadas eram em seu cérebro. Eric estava pensando no fato de que mesmo seu pai não ter ido viajar na data que seria a de sua antiga história, o curso de ele ter sofrido o acidente não foi alterado. De qualquer forma o destino de seu pai seria cumprido,

Eric sabia disso. Esperava por isso. Mas Eric fez o que achou certo fazer, ou não fazer. O que importava é que uma lição foi aprendida: Não importa quantas vezes uma pessoa é livrada da morte na sua juventude, sua hora sempre chega, não há como evitar. Através da ciência, através dessa viagem no tempo, Eric adquiriu muitas experiências de vida. Sendo elas boas ou ruins.

Hector olhou para seu relógio e viu que já passava da hora. Olhou os meninos e falou:

– Bom... Está na hora de a gente ir.

Hector pediu a conta e logo um garçom veio atender. Hector pagou e se levantou da mesa junto com os meninos. Saíram do restaurante alegres e descontraídos. Entraram no carro e Hector então falou:

– Primeira parada, Japão.

Jorge fez uma careta dizendo:

– Quê?

Hector falou:

– Brincadeira Jorge. Primeira parada cadeia... Vou prender vocês.

– Ah! Para detetive, não tem graça. – disse Jorge.

Eric ria com a situação. Hector continuava:

– Vocês acham que eu estou brincando? Vou prender vocês por serem muito engraçados e terem me feito rir demais.

Jorge entrando na onda, disse:

– Eu protesto. O detetive não tem provas do crime.

– Agora você me venceu. – disse Hector.

– Aha! Te peguei.

– Tá, agora é sério, vou levar vocês para casa. Primeiro o Jorge, depois você Eric, está bem? – disse Hector.

Eric respondeu:

– Por mim tudo bem detetive.

Hector ligou o carro e engatou a marcha ré acelerando para manobrar. Hector já estava conduzindo o carro novamente. No meio do caminho pegou um CD de rock dos anos 80 e ligou o CD player. Eric, Hector e Jorge voltavam para seus destinos curtindo as melhores músicas de época. Sem dúvida aquela era uma semana fracionaria de segundo na qual e eles viveram uma parte no passado.

Parando na frente da casa de Jorge, Hector falou:

– Está entregue amigão.

– Obrigado por ter me trazido detetive. – disse Jorge.

– Não há de que Jorge. Até mais.

– Até mais. Tchau Eric.

– Tchau Jorge. – disse Eric.

Jorge então desceu fechando a porta do carro. Hector buzinou e esperou até que a mãe de Jorge viesse abrir para ele. No segundo seguinte o portão se abriu e Jorge entrou. Hector então acelerou deixando a casa de Jorge para trás. O CD de música ainda continuava rodando. Eric e Hector apenas ouviam, não houve mais nenhum tipo de conversa no caminho, nenhuma palavra.

Eric começou a perceber que havia algo errado com o caminho que Hector estava fazendo. As casas começaram a desaparecer e a estrada deserta começava a surgir. Hector conduziu o carro por mais alguns quilômetros até parar em um

ponto qualquer da estrada. Hector desligou o carro e então Eric com seu semblante sério e pensativo perguntou:

– Estava esperando por isso para perguntar... Por que estamos aqui?

Hector pegou a arma e apontou para a cabeça de Eric falando:

– Nós dois vamos descer desse carro juntos, entendeu?

Eric sem nenhum temor respondeu:

– Entendi.

Os dois desceram do carro ao mesmo tempo e Hector continuava apontando a arma pra cabeça de Eric. Hector mandou que Eric ficasse parado onde estava. A única coisa que iluminava aquela escuridão sombria da estrada era os faróis da frente do Vectra preto. Hector se aproximou de Eric e ficou atrás dele o mandando ir para frente do veículo. Eric sentia o cano da P40 encostado atrás de seu crânio. Estando na frente do carro, Hector então falou para Eric:

– Você acha que é o único com uma mente brilhante Eric?

Eric respondeu com outra pergunta:

– Qual é o sentido dessa pergunta detetive? Aonde quer chegar?

– O que eu estou querendo dizer Eric... É que você faz parte de um universo muito maior. Você não é o único com esse dom especial.

– Puxa. Levou tanto tempo para perceber isso detetive?

– Como assim?

– Einstein também foi um gênio, você não sabia?

– Mas Einstein não era como você Eric. Einstein poderia ser seu aluno se quisesse. O seu dom garoto... É bem diferente. Einstein era físico. Você pode exercer qualquer profissão nesse planeta. Percebe a diferença?

Eric pensou por um segundo, então perguntou novamente:

– O que você quer de mim detetive?

– Uma pessoa quer te conhecer.

– E quem seria?

– Alguém que te conhece e tem te observado há muito tempo. Após seu acidente na hidrelétrica ele tem te vigiado vinte e quatro horas por dia.

– E presumo que tem sido através de você?

– Só comecei a te vigiar quando nos encontramos no caso da quadrilha. Mas antes disso... Sim, eu ainda o procurava. E agora que o encontrei, devo te levar até ele.

– Você ainda não me respondeu quem é detetive.

– Você não está em posição de fazer certas perguntas.

– Tudo bem. Sabe que não irei voluntariamente. Então o que fará comigo?

– Só tenho uma coisa a dizer sobre isso.

– Exponha.

– Bons sonhos.

Eric levou uma forte pancada na cabeça com a arma e então apagou caindo no chão. Hector guardou a arma e levantou o corpo de Eric que estava no chão, arrastando-o até o porta malas do carro. Hector jogou Eric no porta malas, fechou-o e então entrou

no carro. O carro ligou e então saiu para um destino desconhecido...

FINAL EXTRA

Abrindo lentamente os olhos, Eric acordou com uma forte dor de cabeça da pancada que havia levado. Zonzo, ele olhou em volta lentamente. Só enxergava escuridão, não dava para discernir o que havia em volta.

Eric sentia que estava sentado em uma cadeira. Não podia mover seus pés, nem suas mãos, pois esses estavam amarrados.

Eric estava imobilizado. Sentiu a raiva tomar seu coração por lembrar que foi Hector quem lhe deu a pancada. E se arrependia a cada segundo por ter confiado nele e por não ter percebido nada antes. Eric se sentiu decepcionado com isso. Mas, prometeu para si mesmo que isso não iria ficar assim, iria pagar na mesma moeda.

Eric contraía fortemente os olhos tentando ver algo. Mas era inútil, não dava para ver nada, nenhuma silhueta. Estava tudo muito quieto, nenhum barulho significativo se ouvia ali. Nada. Por mais que Eric estivesse sozinho naquele lugar estranho, a única coisa que não o dominava, era o medo.

Eric pensou em falar algo, mas achou que não seria conveniente naquele momento. Não quis demonstrar nenhum tipo de pânico.

Para se passar o tempo, Eric começava a se lembrar da viagem no tempo que havia feito. De todos os acontecimentos antes de ele estar ali, naquele buraco estranho e escuro. Dos lugares que tinha ido, das pessoas que viu e também enfrentou, como os nazistas na segunda guerra por exemplo.

De repente, a luz se acendeu. Eric piscou várias vezes os olhos e sentiu alguém se aproximar. Esse alguém lhe disse com uma voz calma:

– Finalmente, o jovem erudito acordou.

Eric forçou a vista e não acreditou no que estava vendo. Pela primeira vez, Eric presenciou algo que poderia ser um milhão de vezes impossível. Mas, estava ali na sua frente.

Procurando um motivo para aquilo não ser real, Eric falou:

– Pai?



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

